

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA LAURA LOPES CARVALHO

**A EDUCAÇÃO ARISTOCRÁTICA EM NIETZSCHE: UMA
EDUCAÇÃO PARA TODOS E PARA NINGUÉM**

**Campinas
2012**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ANA LAURA LOPES CARVALHO

**A EDUCAÇÃO ARISTOCRÁTICA EM NIETZSCHE: UMA
EDUCAÇÃO PARA TODOS E PARA NINGUÉM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da UNICAMP, para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação do Prof. Dr. Silvio Donizetti De Oliveira Gallo.

**Campinas
2012**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

C253e

Carvalho, Ana Laura Lopes, 1989-

A educação aristocrática em Nietzsche: uma educação para todos e para ninguém / Ana Laura Lopes Carvalho. – Campinas, SP: [s.n.], 2012.

Orientador: Silvio Donizetti de Oliveira Gallo.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Educação aristocrática 2. Filosofia. 3. Cultura. I. Gallo, Silvio, 1963- II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

12-272-BFE

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Paulo e Bernadete, por me apoiarem em minhas decisões e me possibilitarem concluir meus estudos.

Agradeço ao meu irmão Gustavo, pelo companheirismo e apoio aos meus estudos.

Agradeço ao Silvio, pela orientação, pela disponibilidade e confiança em mim e em meu trabalho.

Agradeço à Lidia, segunda leitora desse trabalho, não só pelas contribuições para melhorar esta monografia, mas por ter despertado em mim o interesse pela Filosofia e ser para mim um exemplo de educadora e pesquisadora.

Agradeço aos meus amigos, que contribuíram para a minha formação e para a concretização desse trabalho de conclusão de curso.

“O que Nietzsche tem de doutrina pertence ao passado, porém o que Nietzsche tem de inquietude, o que no texto de Nietzsche funciona como um catalizador de nossas perplexidades, atravessa o século e pertence, sem dúvida, ao futuro”.

Jorge Larrosa

RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso serão abordadas as principais concepções acerca da cultura e da educação de Nietzsche, filósofo alemão do século XIX, a fim de fundamentar a interpretação da educação aristocrática em Nietzsche no período compreendido como o de juventude do filósofo.

Friedrich Wilhelm Nietzsche foi sem dúvida um dos maiores pensadores e críticos da sociedade moderna. Embora o tema da educação não tenha sido central em sua produção filosófica, Nietzsche teceu importantes e duras críticas à formação (*Bildung*) oferecida nas instituições de ensino da Alemanha de sua época.

As principais críticas feitas pelo filósofo à educação estão centradas no período em que ainda lecionava na Universidade da Basileia. Período este denominado por seus comentadores como sendo o de juventude do filósofo, e no qual focamos para a análise das críticas do filósofo da educação e cultura alemãs.

Para o presente trabalho foram lidos e analisados três textos do filósofo retirados dos livros *Escritos sobre Educação* e *Escritos sobre História*. O primeiro livro é composto pelas cinco conferências *Sobre o futuro dos Estabelecimentos de ensino*, proferidas no ano de 1872, e a *III Consideração Intempestiva: Schopenhauer educador*, publicado em 1874. O segundo livro é composto por textos do filósofo sobre história, dos quais foi analisada a *II Consideração Intempestiva Da Utilidade e desvantagens da História para a vida*, também publicada em 1874.

Primeiramente será feita com base na bibliografia estudada, uma breve abordagem da vida, obra e contexto histórico da Alemanha dos tempos de Nietzsche. Posteriormente serão abordadas as críticas dirigidas pelo filósofo intempestivo à cultura e à educação difundidas nos estabelecimentos de ensino da Alemanha do século XIX, críticas estas presentes nos textos do filósofo e subsidiadas pelas obras de comentadores de Nietzsche. A partir das concepções do filósofo sobre a cultura e educação, serão abordados aspectos essenciais de seu pensamento que fundamentarão a interpretação da educação aristocrática em Nietzsche.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1 – VIDA, OBRA, FILOSOFIA E A ALEMANHA DE NIETZSCHE	
1.1 – A Vida, Obra e Filosofia de Nietzsche.....	13
1.2 – A Alemanha de Nietzsche.....	23
CAPÍTULO 2 – AS CRÍTICAS DO JOVEM NIETZSCHE À EDUCAÇÃO E CULTURA DA ALEMANHA MODERNA	
2.1 – Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino.....	27
2.2 – O Ginásio.....	33
2.3 – Cultura Histórica.....	38
2.4 – Educar-se na busca de “tornar-se o que se é”.....	43
2.5 – Schopenhauer Educador.....	48
CAPÍTULO 3 – A EDUCAÇÃO ARISTOCRÁTICA EM NIETZSCHE	
3.1 – Da educação de massa à educação dos indivíduos selecionados: o gênio.....	53
3.2 – A vida aristocrática e a paideia grega.....	57
3.3 – A Educação Aristocrática.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	66
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69

INTRODUÇÃO

Neste trabalho de conclusão de curso¹ serão abordadas as principais concepções acerca da cultura do tema da educação de Nietzsche, filósofo alemão do século XIX, a fim de fundamentar a interpretação da Educação Aristocrática em Nietzsche no período compreendido como o de juventude do filósofo.

Friedrich Wilhelm Nietzsche foi sem dúvida um dos maiores pensadores e críticos da sociedade moderna. Embora o tema da educação não tenha sido central em sua produção filosófica, Nietzsche teceu importantes e duras críticas à formação (*Bildung*) oferecida nas instituições de ensino da Alemanha de sua época.

Nietzsche foi professor de filologia clássica na Universidade da Basileia, na Suíça. Mas antes mesmo de frequentar e conviver com o meio acadêmico questionava a educação oferecida nos estabelecimentos de ensino alemães. Quando ainda estudava em Pforta percebera que a maior parte dos conhecimentos que havia acumulado no ginásio não podiam ser relacionados com sua vida, com suas experiências vividas até então. Descontente com a educação que recebera e visando o florescimento da cultura alemã, almeja tornar-se um professor diferenciado, capaz de ensinar seus alunos a pensarem, desenvolverem seu próprio estilo e capacidade criativa.

A Alemanha de Nietzsche havia passado por diversas transformações políticas, econômicas e sociais. Movimentos que visavam a renovação cultural emergiam na Alemanha moderna, tais como: o iluminismo, o neo-humanismo, e romantismo. O ideário iluminista tomou conta dos meios acadêmicos, e os princípios românticos nacionalistas tornavam-se populares em todo o Estado alemão.

¹ Este trabalho teve início a partir de uma pesquisa de iniciação científica intitulada “A Educação Aristocrática em Nietzsche: uma educação para todos e para ninguém”, sob a orientação do Prof. Dr. Silvio Gallo, e com financiamento do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/CNPq – PRP/UNICAMP

Mesmo com uma industrialização tardia, a Alemanha conseguiu industrializar-se rapidamente, o que culminou na unificação da Prússia no século XVIII e a assunção da burguesia ao poder. A burguesia ascendente almejava desfrutar da cultura, que até então fora privilégio da nobreza e também oferecer formação especializada para os trabalhadores de suas indústrias. Tais mudanças acarretaram a necessidade da ampliação dos estabelecimentos de ensino, tornando a Prússia o primeiro Estado europeu a erradicar o analfabetismo.

Nietzsche apontou como problemática essa expansão dos estabelecimentos de ensino promovida pelo Estado, que visava ter seus interesses realizados. O filósofo trata sobre a incompatibilidade da verdadeira cultura vincular-se ao Estado e ser submetida a qualquer tipo de interesse, como o dos comerciantes, que desejavam tornar a cultura objeto de consumo. Nietzsche identificou o que denominará de duas tendências educacionais degenerativas e enfraquecedoras da verdadeira cultura: a primeira de expansão máxima da cultura, até mesmo aos campos mais restritos; e a segunda de sua redução, por tentar subordiná-la aos interesses do Estado.

O problema que Nietzsche identificara na Alemanha moderna era a ausência de estabelecimentos de ensino voltados verdadeiramente à cultura, pois os ginásios e as universidades haviam se tornado profissionalizantes, tomando para si o objetivo de atender à grande massa. O problema não estava no surgimento de escolas profissionalizantes, mas sim, na falta de estabelecimentos de ensino para a cultura, os quais não podiam ser vulgares.

Para o filósofo, a verdadeira cultura não pode submeter-se a nenhum interesse, nem pode ser apreendida e produzida pela e para a massa. A educação voltada para verdadeira cultura é de natureza aristocrática, voltada para pouquíssimos homens.

A expansão da educação se apoiou na concepção democrática de educação, cujo princípio é a igualdade. A formação oferecida pela educação democrática e massificada promove o nivelamento e enfraquecimento do indivíduo. Este tipo decadente de educação

dificulta o desenvolvimento de homens excepcionais. Estes homens excepcionais são os gênios, os quais devem ser o objetivo da educação, por serem responsáveis pelo florescimento da verdadeira cultura por meio de suas grandes obras.

Nietzsche denuncia a dois inimigos do gênio: os “filisteus da cultura”, homens que não conseguiam diferenciar a cultura decadente da verdadeira cultura, e os eruditos, profissionais acadêmicos altamente especializados que perderam a capacidade de criar. Segundo o filósofo, estes personagens incultos difundiram nos estabelecimentos de ensino a lógica enciclopédica de acúmulo de conhecimento por meio do “historicismo”, a comercialização da cultura, o amor à verdade e a resignação ao Estado e à sociedade, contribuindo, dessa forma, para a barbárie da cultura alemã.

As instituições pedagógicas alemãs visavam a formação do erudito. Para tanto, adotaram o medíocre estilo jornalístico de escrita - se apropriam da cultura histórica e propagam o cientificismo por meio de uma formação domesticadora, tolhendo, assim, a capacidade criativa dos estudantes.

O neo-humanismo foi um movimento cultural que visou retomar a cultura greco-romana nas instituições de ensino da Alemanha no início do século XIX. Nietzsche foi bastante influenciado pelos neo-humanistas em seu pensamento acerca da educação, contudo, focará principalmente nos gregos pré-socráticos para desenvolver seus principais conceitos e críticas sobre educação e cultura. Por meio da análise desses conceitos será possível conceber a gênese do aristocracismo em Nietzsche.

Nietzsche aponta para a necessidade de um “adestramento seletivo”, que permita aos jovens desenvolverem-se por completo por meio do cultivo de si, a fim de tornarem-se capazes de se autossuperar e autocriticar. Entretanto, este adestramento só pode acontecer por meio de um modelo, um guia ao qual os jovens possam seguir. Não um modelo a ser copiado, mas um modelo a ser superado. Dessa forma, anuncia Shopenhauer como um modelo de

educador: filósofo que enfrentou a solidão e lutou contra seu tempo. O solitário Schopenhauer era um espírito nobre, aristocrático, pois teve a coragem de prosseguir no duro caminho de “tornar-se o que se é”. Não se deixou abater pelo isolamento acadêmico nem pelo aprisionamento em convicções por meio do amor à verdade.

A educação aristocrática em Nietzsche é uma educação da exceção, por meio da qual o homem alcança a excelência por buscar a si mesmo, como Schopenhauer o fez. Não pode ser uma educação vulgar nem uniformizada:

(...) distante da uniformização humana, a educação aristocrática tem como meta a superação da igualdade e da democracia como nivelamento por baixo, ou melhor, ela eleva a igualdade à desigualdade. Esta igualdade consiste justamente no fortalecimento do diferente, na acentuação do irregular, na promoção do distinto. É por meio do singular que a educação aristocrática estabelece o seu ponto comum. (MENDONÇA, 2009, p. 136)

Enquanto educação para a excepcionalidade e para a grande individualidade, a educação aristocrática não pode ser destinada à massa, mas a pouquíssimos homens, como veremos no desenvolvimento deste trabalho.

A fim de esclarecer as questões: O que pretende a educação aristocrática em Nietzsche; e em que medida esta é uma educação para todos e para ninguém?, buscarei subsídios em três obras sobre a educação e formação (*Bildung*) alemãs escritas por Nietzsche no período de sua juventude, quando ainda lecionava na Universidade da Basileia. As obras são: As cinco conferências *Sobre o Futuro de Nossos Estabelecimentos de Ensino*, proferidas no ano de 1872, e as considerações extemporâneas: *Da utilidade e da desvantagem da História para vida* e *Schopenhauer Educador*, publicadas no ano 1874.

Buscarei, também, apoio em comentadores do filósofo os quais permitem esclarecer as críticas de Nietzsche acerca da educação e cultura, os conceitos fundamentais de sua filosofia e o contexto histórico em que viveu. E, por último, por meio, principalmente, da tese de

doutorado de Samuel Mendonça: *Educação Aristocrática em Nietzsche: perspectivismo e autossuperação do sujeito*, fundamentarei a interpretação de uma Educação Aristocrática em Nietzsche.

Este trabalho foi estruturado em três capítulos: O primeiro trata sobre a vida, a obra, alguns conceitos essenciais da filosofia de Nietzsche e uma breve contextualização histórica da Alemanha moderna; o segundo, traz a análise das três obras do filósofo (citadas anteriormente) nas quais critica a cultura e educação alemãs; e o terceiro fundamenta a proposta de uma interpretação da Educação Aristocrática em Nietzsche, assim como, esclarece a quem esta educação é destinada.

CAPÍTULO 1 – VIDA, OBRA, FILOSOFIA E A ALEMANHA DE NIETZSCHE

1.1 - A Vida, Obra e Filosofia de Nietzsche

Friedrich Wilhelm Nietzsche nasceu no dia 15 de outubro de 1844, em Rockhen na Saxônia. Filho de pastores luteranos recebeu uma educação cristã. Perdeu o pai, Karl Ludwig Nietzsche, em 1849, quando tinha apenas cinco anos de idade. Desde então, passou a ser criado em um ambiente exclusivamente feminino com a mãe, a avó paterna, duas tias e sua irmã mais nova, Elizabeth.

Com a morte do pai, Nietzsche e sua família mudaram-se para Naumburg, na Turíngia, onde começou sua escolaridade. Enquanto criança já se destacava por sua inteligência superior. Adorava os livros, música, poesia e desde muito cedo produzia dissertações, ensaios e compunha melodias. A poesia e a música serão de fundamental importância para sua vida e filosofia.

Aos 14 anos de idade foi enviado para o internado de Pforta para ingressar na mesma profissão de pastor do pai. Em Pforta, recebeu uma educação inspirada na tradição humanista, com ênfase no ensino religioso e na literatura da Antiguidade, assim como o ensino das três línguas antigas: o grego, o hebraico e o latim. Era um aluno dedicado aos estudos e disciplinado, mas, ainda enquanto estudante começa a desconfiar da educação que recebera e do conhecimento que havia acumulado, pois percebera que não conseguia associá-lo com a vida.

Nietzsche reconhece ter recebido uma boa educação no ginásio, onde adquirira uma sólida base do seu saber humanístico e de sua formação científica, além de ter aprendido a educar-se. Entretanto, o excesso de conhecimento acumulado e a rígida e domesticadora disciplina empregada em sua educação deram base às suas primeiras críticas à formação

(*Bildung*) oferecida nos estabelecimentos de ensino alemães. Tal percepção o faz fundar em 1860, quando ainda estudava em Pforta, uma sociedade, com mais dois colegas, cujo objetivo era suprir a necessidade de uma educação voltada para cultura, por discutirem questões ligadas à arte, à música e à literatura e compartilhar entre si suas produções textuais, poemas e composições musicais.

Diploma-se em Pforta no ano de 1864 com distinção em todas as matérias, com exceção da matemática. Após formar-se tem sérias dúvidas quanto a carreira que seguirá, mas acaba optando por seguir a mesma profissão do pai: ser pastor. Ingressa, então, na Universidade de Bonn para cursar teologia.

No ano seguinte abandonou o curso de teologia, contra a vontade de sua mãe, e transferiu-se para a Universidade Leipzig para cursar filologia. A filologia não era o que de fato queria. O desejo do jovem Nietzsche era ser músico, mas, incentivado por seu mestre Ritschl, que percebera seu dom para filologia, juntamente com a necessidade de escolher uma especialização, submeteu-se à disciplina exigida para dedicar-se à futura carreira de filólogo.

Nesse período, Nietzsche teve um de seus maiores encontros: descobriu Arthur Schopenhauer por meio da obra *O mundo como vontade e representação*, que avistou na vitrine de uma livraria de Leipzig. Em *Nietzsche Educador*, Rosa M. Dias relata que o filósofo ficou perturbado com o que lera e passou os 11 dias que sucederam seu encontro com a obra, se debruçando sobre as duas mil páginas com muito afincado e extasiado, com a genialidade e estilo da escrita de Schopenhauer, que não escrevia para os outros, mas para si mesmo. Este encontro de Nietzsche com o filósofo solitário “aumentou sua potência de agir e seu prazer de viver na Terra” (DIAS, 1993, p. 75).

Schopenhauer exerceu grande influência no pensamento de Nietzsche, e está marcadamente presente nas obras compreendidas em seu período de juventude. O filósofo encantou-se com o estilo original e vida solitária de Schopenhauer, que, por lutar contra seu

tempo e não submeter-se às leis acadêmicas, nem ao Estado e à sociedade, levou uma vida solitária e teve suas obras silenciadas. Nietzsche reconhece a solidão como uma consequência àqueles que trabalham pela verdadeira cultura. Para exercer sua genialidade, o pensador é isolado por não ter sua obra compreendida pelos demais: ou renuncia sua genialidade ou enfrenta a solidão.

Nietzsche relata na terceira extemporânea *Schopenhauer Educador* que quando jovem, almejava encontrar um filósofo-educador que o ajudasse a educar a si mesmo, tendo o educador as tarefas de: “Ajudá-lo a descobrir sua força central, e a impedi-la de exercer um domínio capaz de extinguir as demais forças; a ser homem que vá além das limitações de seu tempo e, também, “*simples e honesto* no pensamento e na vida”” (DIAS, 1993, p.70).

Nietzsche não encontrou o mestre que procurava nas universidades, pois a estes faltava a vida, a simplicidade e a honestidade. A tese do filósofo é a de que “ainda não existem esses educadores, mas quando existirem não poderão fazer muito pelos seus alunos, a não ser se tornarem seus libertadores, ou seja, criando as condições para que o educando seja seu próprio educador” (DIAS, 1993, p.71).

O filósofo buscava um modelo ao qual pudesse imitar sem tornar-se sua cópia. Por falta de modelos de sua época, Nietzsche se voltou para o passado, não para buscar uma verdade que elevasse o passado em detrimento do presente, mas para encontrar homens que também estavam além de seu tempo, que lutaram contra as limitações de sua época. Schopenhauer parecia exatamente o mestre que Nietzsche buscava para educar-se a si mesmo.

Em 1868 teve outro importante encontro, conheceu Richard Wagner e sua esposa Cosima Wagner. Nietzsche apreciava a música de Wagner, mas empolgou-se ainda mais com o músico alemão ao saber que também havia lido Schopenhauer. Wagner exercerá grande influência nas obras da juventude do filósofo, pois tornou-se amigo e seguidor do músico por acreditar que a música de Wagner poderia contribuir para a elevação da cultura alemã.

Contudo, seu entusiasmo com Wagner acabou no ano de 1876. Ao assistir a apresentação da *Treatologia* em Bayreuth, sofre uma grande decepção ao constatar que “Wagner era apenas um homem de teatro. Sua música servia de narcótico à alta burguesia; sua arte tornou-se mercadoria de luxo; seu público, composto de políticos e gente da sociedade, era medíocre, ávido de prazer e de divertimento” (DIAS, 1993, p. 46).

Nietzsche foi convidado, em 1869, a ocupar a cadeira de filologia clássica da Universidade da Basileia, na Suíça. Nos anos em que passou em Leipzig se preparava para o novo caminho que seguiria, além de filólogo, o de educador. Nietzsche, como é possível perceber na citação a seguir, buscava em seu exercício de mestre, dar a possibilidade a seus alunos de agir, criar e não apenas escutar e concordar com seus ensinamentos:

Em Leipzig, limitei-me a observar como se ensina, como se transmite aos jovens o método de uma ciência. Também me esforcei em aprender como deve ser um mestre, e não estudar apenas o que se estudava na universidade. Meu objetivo é tornar-me um mestre verdadeiramente prático e, antes de tudo, despertar nos jovens a reflexão e capacidade crítica pessoal indispensável para que eles não percam de vista o porquê, o quê e como de uma ciência” (NIETZSCHE, vol. 3, p. 132 apud DIAS, 1993, p. 26).

O jovem professor universitário se preocupava em não ser confundido com um professor padrão. Segundo Weber (2011, p. 127), o mestre que Nietzsche havia escolhido para ser seu educador, Artur Schopenhauer, o fez ter tal preocupação e cuidado com a formação que é oferecida nas universidades, por meio do ensaio *Sobre a Filosofia Universitária*.

No ano de 1870 explodiu a guerra Franco-prussiana, a qual foi de extrema importância no processo de unificação política da Alemanha. Nesse período Nietzsche ainda acreditava na possibilidade do primeiro-ministro prussiano, Otto von Bismarck, de trazer uma revolução cultural à Alemanha, por isso alistou-se e serviu como enfermeiro na guerra durante um curto período de tempo, porque acabou contraindo difteria e disenteria. Após restabelecer-se das doenças que contraiu na guerra, volta a lecionar Universidade da Basileia.

Contudo, o entusiasmo por Bismarck foi passageiro e logo viu a impossibilidade de haver a vinculação entre cultura e Estado, como salienta Deleuze: “Durante a guerra de 70, é maqueiro. Aí perde os seus últimos <<faros>>: um certo nacionalismo, uma certa simpatia por Bismarck e pela Prússia. Já não pode suportar a identificação da cultura com o Estado nem acreditar que a vitória das armas seja um sinal para a cultura” (DELEUZE, 1965, p.10). Nietzsche passa a nutrir a ideia de que Estado e Cultura são polos antagônicos faz com que imagine uma educação capaz de desvinculá-los:

Imagina criar uma espécie de confraria, um convento moderno, de que participariam todos seus amigos. Trabalhariam juntos, servindo de professores uns aos outros, e se dedicariam a renovar a cultura da época. Seria uma instituição totalmente desvinculada do Estado, uma universidade livre, uma escola para educadores. Esse projeto, porém, não encontra receptividade. (MARTON, 1984, p. 13)

No livro *Nietzsche Educador*, Rosa M. Dias retrata a angústia sofrida por Nietzsche no exercício acadêmico. O jovem mestre abominava o sistema educacional, ao qual tinha que sujeitar-se. Sistema este, que obrigava os professores a se enclausurarem em uma disciplina, exigindo que se especializassem cada vez mais. Era cercado por profissionais eruditos, que se diziam sábios mestres, mas possuíam um olhar fragmentário. Incapazes de enxergar o mundo em sua totalidade e sedentos pela verdade e o acúmulo desmedido de conhecimento, produziam saberes enciclopédicos e distantes da vida. No meio acadêmico, também identificara aquele que denominava Filisteu da cultura: homem que se julga culto e acredita possuir um gosto refinado, mas, que na verdade não o é, pois avalia a cultura com o olhar limitado dos que comerciam a cultura como mercadoria, ou seja, de simples consumidores, que por serem incapazes de criar, apenas copiam.

Nietzsche repudiava o objetivo educacional de formar o erudito, o “homem teórico” e enquanto professor lutou contra este tipo de educação. Segundo Rosa M. Dias, o ideal de Nietzsche de educação foi construído por meio do estudo dos gregos pré-socráticos, para os

quais vida e pensamento, corpo e intelecto não se separavam, já que a educação estava ancorada nas experiências de vida de cada indivíduo. A *paideia*, educação grega, vai muito além da educação escolar, é a formação integral do homem. É a esta formação (*Bildung*) que Nietzsche recorre enquanto mestre para educar, o que denominará em suas obras da maturidade, de espírito livre.

Além de repudiar o sistema educacional ao qual estava envolvido, o filósofo sofria, também, com o fato de sua vocação filosófica não ter sido aceita pelo meio acadêmico. Já nos primeiros anos de exercício de sua carreira acadêmica, Nietzsche vivia em incessante conflito com sua profissão de filólogo e seu instinto filosófico.

No início de sua carreira como professor foi bastante acolhido na universidade em que lecionava. Sua aula sempre recebia a lotação máxima. Era considerado um jovem promissor, apesar de suas ideias não serem muito apreciadas.

O filósofo foi um professor bastante estimado por seus alunos pelas excelentes aulas que proferia, as quais os entusiasmavam por não visar o simples acúmulo de conhecimento. Nietzsche incentivava seus alunos a exprimirem suas opiniões e fazerem suas leituras pessoais, a fim de estimular o senso crítico e capacidade criadora de cada um. A forma como exerceu sua carreira de professor mostrava a importância dada pelo filósofo ao desenvolvimento e fortalecimento do indivíduo.

As obras que Nietzsche publicou não foram acolhidas por seus colegas acadêmicos, o que fez com que os alunos passassem a parar de frequentar suas aulas. Somente no fim de sua vida começou a ser reconhecido e teve seus livros publicados em diversos países da Europa e Estados Unidos. No entanto, tinha consciência de que ainda não havia leitores capazes de entender sua obra e as críticas que dirigiu ao mundo em que vivia, pois sabia que era intempestivo - estava contra seu tempo - havia nascido póstumo, e que por isso

experimentaria a solidão. Como Marton salienta, “é um homem no seu tempo, portanto contra ele” (MARTON, 1983, p.8).

Nietzsche publicou seu primeiro livro *O Nascimento da Tragédia no espírito da música* em 1872 e o dedicou a Richard Wagner, por acreditar nesse período que a música de Wagner pudesse trazer novamente os elementos da tragédia da Grécia Antiga, que havia sido suprimida pelo espírito socrático. Em *O Nascimento da Tragédia* Nietzsche contrapôs o princípio apolíneo da arte grega ao princípio dionisíaco, ambos imprescindíveis para a tragédia grega:

Apolo, o deus da bela forma e da individualização, permitia a Dionísio que se manifestasse. Dionísio, o deus da embriaguez e do dilaceramento, possibilitava a Apolo que se exprimisse. Como a luz e a sombra, a superfície e as profundezas, a aparência e a essência, ambos eram imprescindíveis. (MARTON, 1984, p. 18)

Segundo Nietzsche, a tragédia grega permitia aos gregos encontrarem o equilíbrio entre duas pulsões tentadoras: da ponderação e do domínio de si (apolíneo) e do excesso e da vertigem (dionisíaco). Sócrates, ao opor o homem trágico ao homem teórico, privilegiou o conhecimento e a razão, em detrimento da arte, o que resultou no desaparecimento do dionisíaco:

A afirmação da crueldade da existência cedeu lugar ao otimismo do saber, a febre de viver, à serenidade. Opôs a vida à ideia – como se a vida devesse ser julgada, justificada e redimida pela ideia. Privilegiou-se o conhecimento em detrimento da arte, e fez-se dele fonte da moralidade. Com o socratismo e, pouco depois, com a civilização romana, o dionisíaco desaparece de cena do mundo por um longo período. (MARTON, 1984, p. 19)

O filósofo acreditava que a obra *Tristão e Isolda* de Wagner estava retomando o dionisíaco desaparecido há séculos, o que, juntamente com a filosofia de Schopenhauer, traria uma revolução cultural sem precedentes para a Alemanha. Posteriormente, Nietzsche declara na autobiografia que escreveu, *Ecce Homo*, que interpretou errado a Schopenhauer e a

Wagner, pois, quando se referiu ao filósofo e ao músico na verdade referia-se a si próprio. O filósofo deixou de ser discípulo, de divulgar os pensamento e ideias de Schopenhauer e Wagner para “empregar suas forças e inteligência na busca de seu próprio caminho” (MARTON, 1984, p.34), ou seja, tornar-se um espírito livre.

No início do ano de 1872 o professor Nietzsche profere as cinco conferências *Sobre o Futuro de Nossos Estabelecimentos de Ensino* na Universidade da Basileia, organizadas pela Sociedade Acadêmica da Basileia. Entre os anos de 1873 e 1875 publicou suas quatro extemporâneas: *David Strauss, o devoto e o escritor*; *Da utilidade e da desvantagem da história para vida*; *Schopenhauer Educador* e *Wagner em Bayreuth*.

No próximo capítulo trataremos mais a fundo sobre as cinco conferências e as extemporâneas: *Da utilidade e da desvantagem da história para vida* e *Schopenhauer Educador*, nas quais o filósofo tecerá as críticas à cultura e educação alemãs que fundamentarão a interpretação da educação aristocrática em Nietzsche.

Nietzsche publica *Humano, demasiado Humano – um livro para espíritos livres*, em 1878, com o qual começa suas críticas aos valores e, segundo Marton, é o livro que marca o período em que Nietzsche passou a filosofar por conta própria.

Nietzsche permaneceu no cargo de professor até o ano de 1879, quando pediu demissão pelo fato de sua saúde, que sempre foi debilitada, ter piorado ainda mais. O filósofo passou a sofrer fortíssimas crises de dores de cabeça e nos olhos, enjoos e vômito, que o deixavam acamado por meses. Não podia ler, nem sair de casa, nem ouvir música, seu estado, segundo Deleuze (1965), o fez desejar a morte.

As crises pioraram progressivamente com o passar dos anos e obrigaram Nietzsche a viajar com frequência buscando a estadia em lugares de climas mais amenos. A doença de Nietzsche acabara por libertá-lo da carreira acadêmica e possibilitando dedicar-se a sua filosofia, o que foi possível porque seu amigo Overbeck conseguiu que lhe fosse paga uma

pensão pela Universidade da Basileia, permitindo ao filósofo levar uma vida simples, mas digna até sua morte, em 25 de agosto de 1900.

Deleuze escreve sobre a relação que Nietzsche estabelece entre sua debilitada saúde e sua produção filosófica, e afirma que o filósofo não produz filosofia a partir do sofrimento, mal-estar ou angústia. A doença é para Nietzsche um ponto de vista da saúde e a saúde um ponto de vista da doença: “A doença como avaliação da saúde, os momento de saúde como avaliação da doença: tal é a <<inversão>>, o <<deslocamento das perspectivas>>, em que Nietzsche vê o essencial do seu método e de sua vocação para a transvaloração dos valores” (DELEUZE, 1965, p.12). Nietzsche se torna insano quando perde esta possibilidade de deslocamento.

O filósofo teve muitos amigos, que o ajudaram em momentos em que sua saúde ficava muito debilitada. Fez diversas viagens pela Itália, França e Alemanha, principalmente depois de ter abandonado a cadeira de filologia na Universidade da Basileia. Nesse período em que deixou de lecionar, confessou a sua amiga Malwida, em 1874, que sentia falta de uma mulher para ajudá-lo com seus trabalhos e tirar-lhe da terrível solidão que sentia.

O filósofo nunca se casou, teve alguns relacionamentos conturbados e fez dois pedidos de casamento que lhe foram negados. Vivenciou um complicado triângulo amoroso com o amigo e companheiro de discussões, Paul Rée e Lou Von Salomé, uma jovem discípula de Nietzsche, que não aceitou o pedido de casamento do filósofo feito por intermédio de Rée, com quem a jovem envolveu-se posteriormente. Elizabeth e a mãe de Nietzsche abominavam a relação do filósofo com Lou, pois temiam as repercussões sociais de tal relacionamento e fizeram tudo o que puderam para dificultá-lo.

Nietzsche conheceu Lou em 1882 por meio de seu amigo Paul Rée. Ela era uma moça de origem Russa, admiradora de Wagner e que almejava encontrar um espírito brilhante para ser sua discípula e aprimorar sua formação. Fez amizades célebres graças a sua personalidade

e inteligência. Nietzsche se apaixonou por Lou e ela se tornou amiga e confidente do filósofo, com a qual compartilhou seus segredos mais íntimos. Contudo, a moça não nutria os mesmos sentimentos românticos que o filósofo. Após a resposta negativa de Lou ao pedido de casamento e o envolvimento dela com o amigo Paul Rée, Nietzsche rompe a amizade com os dois e tenta suicidar-se duas vezes com doses abusivas de narcóticos.

Em 1881 o filósofo publicou o livro *Aurora - pensamentos sobre preconceitos morais* e, em agosto do mesmo ano, teve a revelação do Eterno Retorno em Surlei. Nietzsche compartilhou com Lou o Eterno Retorno e pretendia juntamente com Rée investigar os fundamentos matemáticos do mesmo, o que não foi possível devido ao rompimento da amizade entre eles. Nesse período Nietzsche experimentou momentos de euforia e depressão e passa todos seus verões até o ano de 1888 em Sils Maria.

Em 1882 publicou *A Gaia Ciência*, e dos anos de 1883 a 1885 escreve e publica as quatro partes da obra *Assim Falou Zarathustra – um livro para todos e para ninguém*, com a qual anuncia o Eterno Retorno. No ano de 1886 publicou *Para Além do bem e do mal*, no ano seguinte publica a *Genealogia da Moral* e redige o *Nihilismo europeu*. No ano de 1888 escreveu *O Caso Wagner*, *O crepúsculo dos Ídolos*, *O anticristo*, *Ecce Homo*, sua autobiografia, e elaborou *Nietzsche contra Wagner* e *Ditirambos de Dionísio*.

No ano de 1889 sofreu uma crise de demência em Turim. Poucos dias antes de ter a crise começou a escrever cartas insanas aos amigos, deixando-os preocupados. O filósofo ficou internado em uma clínica psiquiátrica durante um ano, e foi morar com sua mãe em Iena. Nietzsche foi diagnosticado pelos médicos com paralisia progressiva do cérebro.

Com a morte da mãe, em 1897, passa para os cuidados da irmã Elizabeth, com a qual manteve uma relação bastante conturbada graças a suas intromissões e julgamentos sobre a vida filósofo, além de compartilhar do ideal antisemita, repudiado por Nietzsche. Elizabeth fundou em Weimar os arquivos Nietzsche. Organizou sem critério as obras do filósofo e

forjou alguns textos e cartas de Nietzsche para tentar filiar o pensamento do filósofo aos ideais do III Reich. Nietzsche permaneceu com a irmã até o fim de seus dias.

1.2 - A Alemanha de Nietzsche

Antes de abordar as críticas que o filósofo dirige à cultura e educação da Alemanha moderna, assim, também, como aos estabelecimentos de ensino que se pretendiam educar para cultura, será abordado o contexto histórico da Alemanha de Nietzsche. Esta contextualização é bastante relevante, pois torna possível visualizar o modelo de homem da época e a raiz do aristocracismo em Nietzsche, que é fortemente influenciado pelo movimento cultural dos denominados neo-humanistas.

A Alemanha após a Reforma Protestante do século XVII era particularista, patriarcalista e com forte hierarquia social. Seu território era composto por mais de 300 estados independentes e autônomos governados por príncipes, que também detinham poder sobre os negócios estrangeiros. Estes Estados eram habitados por um povo domesticado para seguir cegamente as ordens de seus superiores.

A industrialização alemã, diferentemente da francesa e da inglesa, aconteceu tardiamente, em meados do século XIX, mas não deixou de acontecer de forma acelerada. Em pouco tempo os estados alemães passaram a ser grandes produtores de carvão, ferro, máquinas e tecelagens de algodão, transformando-se assim, de particulares e patriarcalista em uma Alemanha capitalista e industrial: “Criavam-se sociedades por ações, cresciam os bancos. A Alemanha dos artesãos e das pequenas empresas familiares transforma-se na Alemanha das grandes indústrias” (MARTON, 1984, p. 12).

A princípio, as manufaturas eram trazidas pelos príncipes e não pela burguesia, que por não possuir um capital significativo, confiou à nobreza lutar contra o despotismo dos

príncipes. Com o avanço da industrialização a burguesia ganha força e passa a fazer reivindicações econômicas, como a liberdade industrial e políticas para a unificação nacional.

Por não terem liberdade dentro do território dos estados alemães, os intelectuais mostraram indiferença diante das questões políticas. Nesse período, o Iluminismo se espalhava por toda a Europa de diferentes formas, e na Alemanha o interesse dos iluministas era por questões culturais:

Na Europa do século 18, consideram, todos eles, a capacidade racional algo que o homem adquire e desenvolve ao exercê-la, de sorte que não pode submeter-se a nenhuma autoridade. Enquanto os iluministas batem na Inglaterra pela reforma econômica e atacam na França os privilégios sociais, na Alemanha eles se interessam pelas questões culturais. Marcados pela disjunção de cultura e política, não se preocupam com as rivalidades entre os diferentes Estados nem com as disputas entre as diversas ordens sociais no interior de um mesmo Estado. O que almejam é realizar um tipo superior de humanidade. (MARTON, 2008, p. 26)

A Filosofia das Luzes traz a necessidade de racionalizar o Estado. O déspota esclarecido mais admirado pela nobreza foi Frederico II por apreciar a Filosofia, as letras, acolher intelectuais perseguidos e lutar contra a superstição e a teocracia. A nobreza alemã tentava seguir o modelo francês das artes, literatura, costumes e moral, e por também apreciar a cultura francesa. Frederico II tentou transformar Berlin em uma réplica de Paris.

Os intelectuais alemães se voltaram contra a imitação dos costumes e valores franceses por alegaram o enfraquecimento da cultura alemã. Acreditam ser necessário se voltar contra os valores convencionais e permitir que o gênio se manifestasse, pois este não pode ser submetido às leis, regras ou qualquer tipo de coerção.

Neste contexto, em que cultura e política ainda são pensadas separadamente, por volta 1770, surge o neo-humanismo. Este movimento tentou retomar a cultura e civilização greco-romana nas instituições pedagógicas, e inspirou uma reforma no ensino secundário no século XVIII que culmina na fundação da universidade de Berlin, em 1810.

A filologia ganha espaço privilegiado nas universidades “enquanto ciência da Antiguidade”, pois permitia o ensino das línguas clássicas aos jovens e propõe um modelo estético e moral inspirado na Grécia antiga. Na década de 1830, porém, o neo-humanismo começou a perder espaço e a filologia, antes tida como “ciência da Antiguidade”, fora impregnada pelo cientificismo positivista, fato este que Nietzsche lamentará algumas décadas depois.

O crescimento econômico culminou na unificação política da Prússia. Em 1871, no governo de Otto Von Bismarke, foi fundado o II Reich após a vitória da Prússia na guerra contra a França, o que desencadeou um forte sentimento nacionalista, fruto das ideias românticas que se popularizaram na época e difundiam que os indivíduos estavam ligados pelas mesmas origens, costumes, crenças e tradições. Na Alemanha a “germanicidade” passa a unir os que pertencerem a mesma raça e falarem a mesma língua.

Nietzsche, em sua *II Consideração Intempestiva Sobre a Utilidade e a Desvantagem da História para a vida*, que veremos mais detalhadamente no próximo capítulo, alerta, se referindo a este período, que o que o alemão mais precisa não é de uma unificação política, mas, de uma unidade alemã, a unidade da vida e do espírito, de um “autêntico espírito alemão”, que não pode ser confundido com as glórias militares prussianas.

Unificada, a Prússia tem a necessidade de uniformizar a cultura e o ensino. O crescimento da industrialização traz a necessidade de aumentar o mercado interno e formar mão-de-obra especializada. A burguesia enriquecida quer desfrutar da cultura e oferecer educação apropriada aos funcionários de suas indústrias.

No final do século 18, a cultura tinha de ser criação desinteressada, desligada de intenções utilitárias. Agora, ela está atrelada às exigências do momento, aos caprichos da moda, aos ditames da opinião pública. Antes, o ensino devia ser puro, desvinculado de objetivos práticos. Agora, com a proliferação dos institutos profissionalizantes e escolas técnicas e com o esfacelamento das universidades em cursos especializados, ele se converte em ensino de classe. Como dirá Nietzsche,

educação e cultura forma submetidas ao reino da quantidade. (MARTON, 2008, p. 32)

A Prússia foi o primeiro Estado europeu a desenvolver um sistema de ensino geral de educação. O analfabetismo foi abolido na Alemanha já no final do século XIX e “O alto índice de escolarização (para a época) e uma estrutura de escolas e instituições superiores que eram vistas como modelares por outros países, contribuem em parte para explicar os ataques de Nietzsche ao que chamou de “tendência à ampliação da cultura”” (NEUKAMP, 2008, p. 32).

É neste quadro de mudanças políticas e econômicas, cuja consequência implicou na subordinação da cultura e educação à lógica de mercado e aos interesses do Estado, que Nietzsche teceu suas críticas ao que os alemães entendiam por verdadeira cultura, verdadeiro espírito alemão e à educação e formação oferecidas nos estabelecimentos de ensino. Críticas estas que serão abordadas mais detalhadamente no capítulo a seguir, e que fundamentarão a análise da educação aristocrática em Nietzsche.

CAPÍTULO 2 – AS CRÍTICAS DO JOVEM NIETZSCHE À EDUCAÇÃO E CULTURA DA ALEMANHA MODERNA

2.1 - Sobre o futuro de nossos Estabelecimentos de Ensino

Nas cinco conferências que profere *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino*, na Universidade da Basileia no ano de 1872, o professor Nietzsche trata sobre os estabelecimentos de ensino alemães nos quais se adquire cultura: o ginásio, a escola técnica e a universidade.

Nietzsche diferencia a falsa cultura da verdadeira cultura, e afirma a última como o objetivo dos estabelecimentos de ensino alemães. O filósofo identifica e denuncia os fatores responsáveis pela decadência da educação oferecida nesses estabelecimentos de ensino que levam ao enfraquecimento da cultura, tais como: a massificação e democratização da educação, a vinculação do Estado à educação e a subordinação da cultura aos seus interesses, o cientificismo, o privilégio dado à “cultura histórica” e ao estilo jornalístico e o desprezo pela cultura Antiga clássica que prejudica o desenvolvimento da unidade de estilo artístico alemão.

Nietzsche inicia as conferências com uma montagem cênica cujo “recurso que utiliza para expor suas ideias é muito próximo ao de Platão, “uma montagem cênica introdutória e oportunamente contextualizada” e “como interlocutor principal um velho filósofo, um ‘Sócrates’, que diz tudo o que a ele, Nietzsche, parece correto”” (NEUKAMP, 208, p. 34). Nietzsche relata que teve, quando ainda jovem, a oportunidade de ouvir um velho filósofo acompanhado de seu cão e um discípulo discutirem a respeito dos estabelecimentos de ensino alemães.

O jovem Nietzsche e seus amigos formaram uma espécie de confraria de estudos de artes e literatura, e se reuniam esporadicamente para trocar entre si suas composições. Combinaram naquele ano de se encontrar no Reno e enquanto esperavam os demais colegas, treinavam tiro. Porém, o velho filósofo e seu discípulo haviam combinado de se encontrar no mesmo lugar que os jovens amigos, para a infelicidade de todos, pois perceberam que a reunião dos jovens e sua competição de tiros os atrapalhariam. Pediram, então, que Nietzsche e seus amigos, apenas naquele dia, mudassem seus planos, mas os jovens não estavam dispostos a ceder, pois encaram sua reunião como essencial para buscar o objetivo que possuíam de tornarem-se homens cultos.

Após estabelecerem um acordo com o velho ficaram ouvindo extasiados a conversa deste com seu discípulo. Weber (2011) fala da possibilidade do velho filósofo duro e intransigente e seu cachorro, descritos por Nietzsche, serem a representação de Schopenhauer e seu cão Atma. Por meio, então, da explicação da conversa que ouviu entre o filósofo e seu discípulo, Nietzsche começa a expor suas críticas aos estabelecimentos de ensino da Alemanha moderna.

Inicia abordando duas tendências observadas quanto a cultura e a educação nas instituições pedagógicas da Alemanha do século XIX: a primeira é a de expansão máxima da cultura, que visa ampliá-la até mesmo aos círculos mais restritos, e a segunda de sua redução e enfraquecimento por subordiná-la aos interesses de outra forma vida, como o Estado, por exemplo. Ambas as tendências contribuem para o enfraquecimento e decadência da cultura.

A primeira tendência apontada pelo filósofo, que visa expandir ao máximo o acesso à cultura, tem como o objetivo que esta possa ser consumida e possibilite acumular dinheiro, ou seja, quanto mais gerar a necessidade de cultura maior será o lucro, segundo os dogmas da economia política em voga na Alemanha moderna. Estas perspectivas educacionais defendem que o homem precisa ser formado o quanto antes para gerar lucro o mais cedo possível e,

qualquer cultura que não gere acúmulo de dinheiro ou demande muito tempo, ou não sirva aos interesses do Estado é desprezada e considerada inútil:

Esta extensão é um dos dogmas da economia política [*nationalökonomischen Dogmen*] mais caros da época atual. O máximo de conhecimento e cultura possível – portanto o máximo de produção e necessidade possível: - eis mais ou menos a fórmula. Temos aqui, como objetivo e fim da cultura a utilidade, ou, mais exatamente, o lucro, o maior ganho de dinheiro possível. [...] A verdadeira tarefa da cultura seria então criar homens tão ‘correntes’ quanto possível, um pouco no sentido que se fala de uma ‘moeda corrente’. Quanto mais houvesse homens correntes, mais um povo seria feliz; e o propósito das instituições de ensino contemporâneas só poderia ser justamente o de fazer progredir cada um até onde sua natureza o conclama a se tornar ‘corrente’, formar os indivíduos de tal modo que, do seu nível de conhecimento e de saber, ele possa extrair a maior quantidade possível de felicidade e lucro. (NIETZSCHE, 2007, p. 61-62)

A segunda tendência é a da redução e enfraquecimento da cultura por subordiná-la ao Estado. O Estado tornou a cultura útil ao estabelecer a obrigatoriedade da passagem pelo ginásio para o exercício de cargos públicos. Na primeira conferência proferida, Nietzsche, relembra nostalgicamente como ele e seus amigos, que pertenciam à associação, haviam escapado da tentativa do Estado fazê-los tornarem-se seus servidores por incutir-lhes a necessidade de terem que tomar a decisão prematuramente de qual profissão deveriam exercer:

Não esqueçamos que graças a esta associação, jamais pensamos sobre aquilo que se chama comumente de profissão. A exploração quase sistemática do Estado fez desses anos, na medida em que quis o mais cedo possível atrair para si funcionários utilizáveis e assegurar, através de exames extremamente rigorosos, da sua docilidade incondicional, tudo isso estava muito distante de nossa formação; não éramos determinados por qualquer espírito utilitário, qualquer desejo de progredir rapidamente e fazer rapidamente uma carreira. (NIETZSCHE, 2007, p. 58)

No entanto, Araldi (2008) descreve no capítulo *Nietzsche, a educação e a crítica da cultura* do livro *Nietzsche: filosofia e educação*, como era essa formação oferecida aos jovens alemães nos estabelecimentos de ensino do século XIX criticada por Nietzsche. Estes jovens eram obrigados a escolher uma profissão sem terem certeza de fato da carreira que gostariam

de seguir, para garantir que conseguiriam ter um emprego que lhes oferecesse conforto material, por mais que estes ideais fossem contra a verdadeira cultura:

[...] o modelo de educação para a juventude alemã da segunda metade do século 19 baseava-se num conceito de cultura falso, imediatista e antinatural. Por intermédio das diversas ciências, disciplinas e níveis formam-se pessoas que acumulavam uma quantidade enorme de saberes desordenados e descontextualizados acerca da arte, da religião, da política e dos demais campos do conhecimento. A crescente especialização das áreas de conhecimento e atuação profissional, contudo propiciava o fornecimento de um grande número de “especialistas”, úteis à sociedade e à economia. Esses saberes constituídos jamais iam de encontro aos interesses do Estado e dos poderes econômico-políticos. (ARALDI, 2008, p.85)

Além do enfraquecimento da cultura por meio da tentativa de se gerar uma cultura acessível e utilitarista, Nietzsche (2007, p. 64) fala sobre a especialização exigida aos que desejam ingressar na ciência, comparando o erudito especializado ao obtuso trabalhador fabril que passa todos os seus dias repetindo as mesmas funções, que exigem pouco ou nenhum esforço intelectual, mas o faz realizar com destreza a medíocre e limitada função para qual foi incumbido. O problema da especialização está nos limites que essa impõe à criação, à descoberta do novo, pois condiciona esse profissional da cultura especializado, o erudito, a ter apenas um ponto de vista, o impedindo de enxergar além dos limites impostos pelos métodos científicos que traça e segue à risca.

Larrosa descreve como era esse “profissional da cultura”: “O erudito não necessita talento nem verdadeira cultura, nem sequer requer um gosto educado e uma sensibilidade afinada, e lhe basta a segurança de alguns métodos comumente aceitos e a cobiça de um terreno de especialização limitado” (LARROSA, 2009, p. 33). O erudito aprecia a segurança que a especialização lhe oferece de dominar a ciência, mas acaba dominado por ela (NEUKAMP, 2008, p.37). Esta divisão do trabalho na ciência, resultada da extrema especialização, leva ao aniquilamento da cultura, porque torna aqueles que são responsáveis

pela cultura seres obtusos e capazes apenas de dar origem a outros eruditos tão limitados quanto os que os precederam.

O erudito perdeu a capacidade de selecionar o conhecimento, por isso acumula saberes enciclopédicos sem conseguir conciliá-los com a vida. Tal impossibilidade de unir os saberes acumulados com a vida afasta o erudito da verdadeira cultura, pois a cultura para Nietzsche só pode se desenvolver de fato a partir da vida e de suas necessidades (DIAS, 1993, p.60). O erudito, ser estéril, o homem teórico, incapaz de criar, racional e sem sensibilidade para a arte, preso ao passado pela cultura histórica que cultiva, é incapaz de educar-se e educar a outros para a verdadeira cultura.

A cultura pode ser definida pra Nietzsche neste período como “a unidade de estilo artístico em todas as manifestações vitais de um povo” (DIAS, 1993, p. 65). Esta unidade de estilo, o estilo original alemão, não está ao alcance do erudito, pois é incapaz de criar.

Além dos eruditos e sua forma enciclopedista de apreensão do conhecimento, há ainda a tendência de imitação do espírito jornalístico nos estabelecimentos de ensino, que com sua superficialidade e pseudocultura se põe a discutir mediocrementemente sobre as artes e as ciências.

Segundo Larrosa:

O jornalista, por seu lado, representa a pseudocultura, a aceleração, a indisciplina intelectual, a superficialidade, a imaturidade, o espírito pebleu da divulgação. O jornalista é o que opina sobre tudo e sobre todos, o que fala de qualquer coisa, o que tem opiniões próprias, mas nada mais que opiniões [...].
O Jornalista é o que se subordina às leis da moda, às demandas do mercado, ao gosto da opinião comum. E produz afetação, autossatisfação e opinionites, e a ilusão vaidosa de ter uma personalidade e um pensamento próprio e original. (LARROSA, 2009, p. 33-34)

Segundo o filósofo, o jornalista une em si as duas tendências aniquiladoras da verdadeira cultura presentes nos estabelecimentos de ensino:

O jornalismo é de fato a confluência das duas tendências: ampliação e redução da cultura dão aqui as mãos; o jornal substitui a cultura, e quem ainda, a título de

erudito, tem pretensões à cultura, este se apoia habitualmente nesta trama de cola viscosa que cimenta as juntas de todas as formas de vida, de todas as classes sociais, de todas as artes, de todas as ciências. É no jornal que culmina o desígnio particular que nossa época tem sobre a cultura: o jornalista, o senhor do momento, tomou o lugar do grande gênio, do guia estabelecido para sempre, daquele que livra do momento atual. (NIETZSCHE, 2007, p. 65)

O jovem alemão está cada vez mais acomodado com este pobre estilo dos jornais e romances da moda, que carecem de qualidade e dificultam ainda mais a tarefa do mestre de ensinar por meio dos clássicos, afastando aquele da real leitura e apreciação que poderia ter pelos grandes gênios da arte e literatura alemã. Estes gênios carregavam em si a verdadeira cultura e possuem a capacidade de levar ao caminho que permite conhecer à Antiguidade, como afirmará posteriormente o professor de filologia da universidade da Basileia.

Enquanto a cultura estiver sob o domínio do Estado não será possível realizar as mudanças necessárias nos estabelecimentos de ensino alemães, pois, segundo Nietzsche, o Estado está em guerra com o verdadeiro espírito alemão, pois teme a natureza aristocrática da verdadeira cultura:

Por que o Estado tem necessidade deste número excessivo de estabelecimentos de cultura, de mestres da cultura? Porque esta formação do povo e esta educação popular tão amplamente difundidas? Porque se odeia o verdadeiro espírito alemão, porque se teme a natureza aristocrática da verdadeira cultura, porque se busca escapar da elevação dura e rigorosa pelos grandes mestres, persuadindo a massa de que ela própria encontrará o caminho guiado pela estrela do Estado. (NIETZSCHE, 2007, p. 100)

Mas, o que é a natureza aristocrática a qual Nietzsche se refere? Por que o Estado a teme? Por que esta natureza aristocrática é contrária à expansão do ensino e da cultura? A natureza aristocrática será abordada no próximo capítulo, juntamente com a questão da educação aristocrática. Mas primeiramente atentaremos às críticas do filósofo à educação e formação (*Bildung*) oferecida nos ginásios alemães.

2.2 - O Ginásio

O ginásio é um estágio da educação considerado muito importante pelo filósofo, pois tem como função ensinar o jovem alemão a ler e escrever, e as tendências culturais presentes nesses estabelecimentos de ensino continuam presentes na Universidade.

O filósofo começa sua crítica pela função básica do ginásio, que seria a de ensinar a ler e escrever, mas que nem mesmo esta é ensinada com seriedade. O ginásio não oferece uma formação para a cultura, quer formar o erudito, mas nem sequer a formação para a erudição tem alcançado e acaba por oferecer uma formação ainda mais medíocre: a do jornalismo (NIETZSCHE, 2007, p. 70).

A primeira crítica é quanto ao descaso com o ensino do alemão. Para o filósofo é por meio do manejo com a língua materna que se pode medir a importância dada à cultura. Os alemães precisam aprender com os Gregos e Romanos como se relacionar com sua língua, pois estes tratavam com muita seriedade a língua materna. Entretanto, Nietzsche adverte que não está falando com a ingenuidade de quem acredita que seja possível compreender a verdadeira cultura clássica antiga no ginásio, mas que é possível aprender a dar o devido valor à língua materna pelo estudo dos gênios que foram capazes de a dominarem.

O alemão é ensinado no ginásio como uma língua morta, resultado da influência da erudição histórica que renega sua obrigação para com o presente e o futuro e centra-se apenas no passado. Além de ser tratada como algo estático e imutável, a língua materna é ensinada pelo professor a partir do modelo pobre e estilo estético medíocre empregado pelos jornalistas em seus textos e romances populares da época, como já dito anteriormente.

Para conferir ao ginásio o patamar de um estabelecimento para a cultura é preciso, primeiramente, atribuir o real valor à língua materna e se dedicar ao estudo do alemão à altura

de sua importância. Nietzsche fala sobre a necessidade de um “adestramento linguístico”, o qual é descrito por Dias:

A educação começa com o hábito e a obediência, isto é, com adestramento. “Adestrar linguisticamente” o jovem não significa domesticá-lo com um acúmulo de conhecimentos históricos acerca da língua, mas sim fazê-lo construir determinados princípios, a partir dos quais possa crescer por si mesmo, interior e exteriormente. Significa tornar-se senhor de seu idioma e continuar a construir uma língua artística, a partir do trabalho dos que o precederam, único meio de assegurar um futuro ao alemão. O “adestramento linguístico” – em outras palavras, o estudo da língua levado a sério – é o primeiro requisito para uma verdadeira cultura. (DIAS, 1993, p. 95)

Esse adestramento linguístico ao qual Dias se refere é um estudo profundo da língua que demanda muita disciplina e dedicação do aluno, que, segundo o filósofo, necessitará que seu mestre o ensine a apreciar a língua materna por meio dos clássicos, como Goethe, Schiller, Lessing, Wincklemann, visto que estes poetas e artistas trazem “a cultura da Antiguidade no próprio sangue, saberiam despertar o gosto pela arte e o respeito aos clássicos e, talvez, estimular os dons artísticos em seus leitores” (DIAS, 1993, p.96).

Nietzsche atenta, também, para a produção escrita dos alunos ginasiais e a forma como o professor as avalia. Desde cedo os estudantes são forçados a escrever sobre temas antipedagógicos e obrigados a exercer uma originalidade de estilo que não foram educados para desenvolver, e mesmo quando exercem certa originalidade são reprimidos. É preciso que o professor ensine seus alunos a desenvolver sua originalidade por fazê-los repetir incessantemente suas ideias a fim de torná-las cada vez melhores, e não obrigá-los a argumentar de forma original sobre todo e qualquer tema que tratem em suas composições sem estarem ainda preparados para tanto.

A forma de avaliação feita pelo professor das composições e redações escritas pelos alunos é bastante falha, pois busca nas redações dos estudantes sempre encontrar seu ponto de vista, ou seja, só valoriza os que escrevem como e o que ele quer, suprimindo, assim, a

individualidade do aluno e propagando a mediocridade uniformizada. Nietzsche adverte que enquanto não se der a importância devida à língua materna e cultivar a composição alemã o ginásio não poderá ser considerado uma instituição de ensino consagrada à verdadeira cultura:

E enquanto os ginásios alemães, cultivando a composição alemã, trabalharem para preparar esse abominável dilúvio da escrita que não tem consciência, enquanto eles não considerarem como um dever sagrado a disciplina prática mais minuciosa da palavra escrita, enquanto tratarem a língua materna como se ela fosse um mal necessário ou um corpo morto, eu não poderei incluir estes estabelecimentos de ensino entre as instituições consagradas à verdadeira cultura. (NIETZSCHE, 2007, p.74)

Somada ao problema do deficiente ensino da língua materna nos ginásios, está a limitada formação dos professores, resultado do crescimento desmedido dos estabelecimentos de ensino. Tal expansão dos ginásios e universidades aumentou a demanda de docentes e, para suprir esta demanda, acabam por escolher professores que se entregam à profissão sem qualquer vocação ou formação apropriada, sem ao menos dominarem o conhecimento necessário acerca dos clássicos e da cultura da Antiguidade, o que afasta ainda mais o ginásio da cultura humanista e consagra as universidades como uma instituição incapaz de gerar a verdadeira cultura:

Nietzsche lamenta o abandono do projeto de reforma do ensino no início do século XIX na Alemanha, que objetivava um retorno à Antiguidade clássica e que havia sido abandonado principalmente na proposta de formar os mestres do ginásio dentro da tradição dos antigos gregos. (NEUKAMP, 2008, p.38)

Contudo, Nietzsche não critica os estabelecimentos de ensino e sua lógica de produção de conhecimento porque quer que seja desenvolvido o sistema educacional democrático e massificador mais eficiente:

[...] para alcançar realmente a cultura, a própria natureza não destinou senão um número infinitamente restrito de homens, e, para o feliz desenvolvimento destes, basta um número muito mais restrito de estabelecimentos de ensino superior; e aqueles que por carência se sentem menos favorecidos nos estabelecimentos de ensino de hoje, que são concebidos para as grandes massas, são justamente os únicos

para quem há de fato um sentido em fundar algo deste gênero. (NIETZSCHE, 2007, p.88)

O oferecimento da educação e cultura que reivindica não é destinado à massa, mas a indivíduos selecionados: “Portanto, não é a cultura da massa que deve ser nossa finalidade, mas a cultura de indivíduos selecionados, munidos das armas necessárias para a realização das grandes obras que ficarão” (NIETZSCHE, 2007, p.90). A educação que o filósofo reivindica é para um restrito número de homens, os gênios, que passam pelas civilizações e deixam suas grandiosas obras que constituem a verdadeira cultura, e acerca dos quais discorrerei detalhadamente mais adiante.

Para Nietzsche a cultura não deve ser utilizada para suprir necessidades de um indivíduo, ou como forma de sustentar-se materialmente. O homem pode e deve buscar todas as formas possíveis de garantir sua existência, mas não deve se utilizar da cultura para tal. A verdadeira cultura está acima da luta pela existência, e não pode ser submetida a ela:

Pois a verdadeira cultura rejeita com desdém contaminar-se no contato com indivíduos assim tão necessitados e cheios de desejo: a autêntica cultura sabe escapar sabiamente daquele que quisesse apoderar-se dela como de um meio para realizar seus desígnios egoístas; e quando alguém imagina tê-la capturado, para tirar dela algum proveito e apaziguar com sua utilização a miséria da sua vida, então, ela desaparece subitamente com passos inaudíveis e com expressão de escárnio. (NIETZSCHE, 2007, p.104)

Dessa forma, Nietzsche também não condena a existência das escolas técnicas, pois estas não pretendem formar para a cultura e sim formar profissionais capazes de ganhar seu sustento. As críticas de Nietzsche se dirigem ao problema de o ginásio e as universidades tomarem para si o objetivo da profissionalização, locais que deveriam educar para a cultura, mas educam para que seus alunos ganhem o sustento material para suas vidas. O real problema é a falta de estabelecimentos para a cultura. O que o filósofo exige é que se

denomine corretamente a cada tipo de estabelecimento de ensino e que estes cumpram com seu objetivo:

O que ele exige, já em 1872, é que se chamem as coisas pelos devidos nomes, sem tergiversar, sem titubear; afinal, escolas técnicas, absolutamente necessárias para a sociedade, não são escolas de cultura (*Kultur*), de formação (*Bildung*). O sistema de mercado é distinto do sistema de cultura. (WEBER, 2011, p. 135)

O filósofo critica, ainda, a tendência dos ginásios de pretenderem educar para a autonomia sem antes disciplinar o aluno, pois a base na qual se firmará a autonomia é dada pela disciplina. Nietzsche adverte: “Assim, repito, meus amigos! – toda cultura começa, ao contrário de tudo o que se elogia hoje com o nome de liberdade acadêmica, com a obediência, com a disciplina, com a instrução, com o sentido de dever” (NIETZSCHE, 2007, p. 135). Antes de se alcançar a autonomia os educandos precisam ser adestrados e não domesticados, porque, segundo Nietzsche, os alunos saem do ginásio e vão para a universidade acreditando serem capazes de emitir juízos que ainda não o são, pois necessitam refletir mais sobre o que pensam e discutem.

A educação criticada por Nietzsche, que afirma tornar o aluno autônomo, na verdade é a educação pela domesticação, é para formar o erudito, ser dócil, obediente aos valores vigentes. Rosa M. Dias cita em *Nietzsche Educador* a autobiografia do filósofo, *Ecce Homo*, na qual Nietzsche propõe em contraposição à domesticação o “adestramento seletivo” e a “formação de si”. O adestramento é uma educação rígida, na qual o jovem precisa obedecer certas regras, adquirir novos hábitos e se tornar senhor de seus instintos e hierarquizá-los. O jovem adestrado se torna capaz de agir voltado para o futuro, não se submete a nenhuma autoridade exterior.

Para o filósofo só é possível avaliar a liberdade e a autonomia conferidas pela formação ginásial se forem usados três instrumentos: a necessidade da filosofia, o instinto

artístico e a relação com a antiguidade grega e romana, a qual Nietzsche afirma ser o “imperativo categórico” de qualquer cultura.

Nietzsche termina as conferências falando sobre a necessidade de se ter um mestre que conduza os jovens à verdadeira cultura, pois os jovens foram abandonados a uma falsa autonomia quando o que mais necessitavam era um grande mestre que os guiasse: “De fato, lhes faltava algo que devia vir de fora, uma verdadeira instituição de cultura que pudesse lhes fornecer os objetivos, os mestres, os métodos, os modelos, os companheiros e de cujo interior exalasse o sopro do autêntico espírito alemão” (NIETZSCHE, 2007, p.132).

A questão do mestre será melhor abordada na análise da *III Consideração Intempestiva Schopenhauer Educador*. Antes serão aprofundadas as críticas do filósofo à “cultura histórica” que impera nas instituições de ensino e suas consequências para a educação e cultura alemã.

2.3 - Cultura Histórica

Nietzsche identifica uma tendência degenerativa da vida, portanto, da verdadeira cultura: o excesso de história propagada nas instituições de ensino pelos eruditos na Alemanha moderna, denominada pelo filósofo de cultura histórica ou historicismo. Para o filósofo “Não queremos servir à história senão na medida em que ela sirva à vida” (NIETZSCHE, 2005, p.68).

Em sua *II Consideração Intempestiva sobre a utilidade e os inconvenientes da história para a vida* trata acerca da corrosão à sociedade alemã causada pelo que denomina de doença histórica.

Para Nietzsche a função da história é ser intempestiva, ou seja, agir contra sua época, mas sobre esta, a fim de beneficiar a época que está por vir. No entanto, o enciclopedismo

propagado nos ginásios e universidades pelo erudito produz uma estagnação das novas idéias, graças ao desmedido culto ao passado. Contudo, a crítica do filósofo, como salienta Azeredo (2008, p.69), não é em direção à rejeição das tradições, mas sim no sentido de impor um limite a este culto para que a história possa favorecer a vida.

Nietzsche afirma que a capacidade de esquecer o passado e viver apenas o presente diferencia o homem do animal, já que este é um ser a-histórico, ou seja, vive somente o presente e não carrega o fardo das lembranças como o homem o faz. Mas, para que seja capaz de obter felicidade na vida o homem necessita do esquecimento, precisa aliviar o peso que as lembranças do que já passou lhe trazem. Para saber qual a medida necessária de esquecimento é preciso conhecer o que o filósofo denomina de *força plástica* de um indivíduo, povo ou cultura. Nietzsche define força plástica como a “força que permite a alguém desenvolver-se de maneira original e independente, transformar e assimilar as coisas passadas ou estranhas, curar as suas feridas, reparar as suas perdas, reconstruir por si próprio as formas destruídas” (NIETZSCHE, 2005, p.73).

O homem precisa tomar consciência da importância que os elementos históricos e a-históricos possuem em sua vida, a fim de que se torne forte e consiga estabelecer um limite ao sentido histórico que é nocivo à vida:

A ausência de sentido histórico é semelhante a uma atmosfera protetora, sem a qual a vida não poderia nem surgir nem se conservar. Na verdade, só quando o homem pensa, medita, compara, separa, aproxima, é que ele pode delimitar este elemento a-histórico, é somente aí que um raio luminoso surge no seio desta nuvem envolvente, é somente aí que ele é forte o bastante para utilizar o passado para refazer a história com os acontecimentos antigos, é somente aí que o homem se torna homem: o excesso de história (*ein Uebermasse von Historie*), ao contrário, mata o homem, e, sem este invólucro de a-historicidade, ele jamais poderia ter começado ou pretendido começar a existir. (NIETZSCHE, 2005, p. 75)

O erudito pensa a História enquanto ciência pura, ignora o poder a-histórico que coloca a História à favor da vida. A História enquanto ciência pura está associada

[...] ao sentido de conclusão da vida e avaliação última da humanidade. Daí a cultura histórica parecer como algo salutar somente à medida que for denominada por outra força ou poder mais elevado que o seu. É o que Nietzsche denomina de corrente da vida, do vir-a-ser de uma nova cultura que se apresenta como esse poder. Eis o poder a-histórico que coloca a História a serviço da vida. (AZEREDO, 2008, p. 72)

O erudito acumula conhecimentos históricos como se a quantidade do que produz a partir do passado fosse capaz de garantir o controle sobre o futuro, controle este que acredita poder ser oferecido pela ciência. O erudito não quer esquecer nada, não pode esquecer, é um homem “doente” de “espírito obeso”, que está tão dopado pelo enciclopedismo que se torna incapaz de perceber que sua busca desenfreada pelo conhecimento o prende ao passado, o cegando para o presente e impedindo a criação, o surgimento do novo.

Nietzsche afirma que o ser humano necessita da História, precisa da tradição, mas não pode deixar-se sufocar por ela:

A história interessa aos seres vivos por três razões: porque eles agem e perseguem um fim, porque eles conservam e veneram o que foi, porque eles sofrem e têm necessidade de libertação. A estas três relações correspondem três formas de história, na medida em que é possível distinguir aí uma história monumental (monumentalische), uma história tradicionalista (antiquarische) e uma história crítica (Kritische). (NIETZSCHE, 2005, p. 82)

A história monumental busca modelos e mestres possibilitadores da percepção de atos grandiosos que foram realizados no passado, e que, portanto, podem ser realizados no presente. Desta forma, propulsiona a transformação do presente a partir dos exemplos passados. É com este objetivo que Nietzsche busca os gregos pré-socráticos e se volta pra o estudo da cultura da Antiguidade clássica, não para eternizá-los enquanto ideal de cultura a ser imitado, mas o filósofo busca no passado modelos que o permitam agir sobre o presente: “É também verdade que sou um discípulo de épocas mais antigas, especialmente da Antiguidade grega, e somente nesta condição é que pude fazer eu próprio, como filho do tempo presente, descobertas tão intempestivas” (NIETZSCHE, 2005, p. 69 – 60). Mas o

excesso de história monumental também pode trazer sérios danos à concepção do passado, pois pode levar ao desprezo de alguns acontecimentos, ressaltando alguns fatos isolados e distorcendo-os.

A história tradicionalista ou antiquária busca a preservação do antigo para as novas gerações. Essa tendência tradicionalista de conservação dos costumes se dá pela crença de que a cultura de seu povo é superior e por isso deve ser preservada. É uma forma de obter segurança, felicidade e bem-estar. Mas a conservação desmedida do passado pode acabar por rejeitar o que está por vir, pois imortaliza o considerado bem-sucedido passado e rejeita qualquer tentativa de acolher o novo.

A terceira concepção histórica é a história crítica, a qual busca colocar o passado sob julgamento, aniquila este passado para promover o presente, e faz com que este ganhe força e vigor para promover a vida. A mesma vida que exige esquecimento também exige que sejam destruídos alguns elementos que a constituem, por julga-los como ameaçadores do presente e do que está por vir. No entanto, como as demais formas de história precisa ser medida para que continue a promover o surgimento do novo e favoreça a vida:

Esta é a relação normal que uma época, uma cultura ou um povo devem manter com a história – relação provocada pela fome, regulada pelo grau das necessidades, dominada pela força plástica inerente à cada coletividade: é preciso que o conhecimento do passado seja sempre desejado para servir o futuro e ao presente, não para enfraquecer o presente ou para cortar raízes de um futuro vigoroso. (NIETZSCHE, 2005, p.98-99)

Nietzsche identifica no homem alemão o que denomina de doença histórica, que é a incapacidade de viver os conceitos que interioriza, ou seja, o homem acumula conhecimento como uma enciclopédia ambulante, porém, não é afetado por este conhecimento, logo, sua ação e capacidade criativa são estancadas, apenas passa a copiar o que já existe. Produz em quantidades exorbitantes de conhecimentos superficiais, pois se tornou insensível, acredita que sua meta é o saber em si mesmo, e não a vida.

Tudo já foi feito e conhecido, a este homem moderno cabe apenas ruminar passado e se esconder atrás das máscaras que cria de erudito, político, culto, cientista ou poeta. Quando veste a máscara de cientista e se coloca a julgar a história de forma objetiva mata a ilusão que está diretamente ligada à capacidade do homem de criar.

Os jovens que recebem tais ensinamentos acerca da história nos estabelecimentos de ensino desenvolvem a sensação de terem sido desenraizados, porque passam a duvidar de todos os costumes e ideias da cultura a que pertencem. Se sentem, também, deslocados da própria vida, pois são impedidos de obter conhecimentos a partir de suas experiências e obrigados a viver do passado. Sentem a angústia do homem moderno que teve sua personalidade enfraquecida por não conseguir que sua interioridade corresponda à exterioridade e vice-versa, ou seja, por não poder superar a contradição oposta entre a vida e o conhecimento.

Portanto, para que o alemão volte a acreditar em si e na sua capacidade de criar Nietzsche alerta para necessidade de uma unidade alemã, a unidade de vida e de espírito: a unidade de estilo alemã. Nietzsche acusa os alemães de confundirem as grandes realizações militares que os alemães estavam empreendendo em seu tempo com o verdadeiro estilo artístico alemão. E, segundo o filósofo, a falta dessa unidade tem favorecido a decadência da cultura.

Essa unidade de estilo não poderá ser alcançada enquanto o alemão moderno continuar a padecer da doença histórica. Todavia, existe um remédio para esta doença: as forças a-histórica, que é a capacidade de esquecer, e a supra-histórica, que é a significação da existência no que ela tem de eterno e estável. Para alcançar a felicidade e a verdadeira cultura o homem deve ser capaz de esquecer, ou seja, dosar a história que emprega para avaliar a vida, para que, por meio do passado possa viver o presente e favorecer o futuro, o surgimento do novo.

Tempo virá em que abdicaremos sabiamente de elaborar um processo universal ou simplesmente a história da humanidade, uma época na qual não se levará em conta as massas, mas apenas os indivíduos que formam uma espécie de ponte sobre a torrente selvagem do devir. Estes não dão continuidade a qualquer processo, mas vivem uma simultaneidade intemporal (*zeitlos-gleichzeitig*); graças à história que permite a eles unificar os seus esforços, estes indivíduos constroem esta República de gênios da qual Schopenhauer falou [...] a tarefa da história é de servir de mediadora entre eles, para, fazendo isso, suscitar constantemente e promover o nascimento da grandeza. Não, o fim da humanidade não pode residir no seu termo, mas somente nos seus exemplares superiores. (NIETZSCHE, 2005, p. 157)

Os jovens devem lutar contra a educação para a cultura histórica que recebem nos estabelecimentos de ensino alemães por meio de tais antídotos – a força a-histórica e a supra-histórica – a fim de que consigam controlar a expansão e o poder da ciência e possa favorecer o florescimento da vida, ou seja, da verdadeira cultura. A verdadeira cultura que prescinde do gênio, dos exemplares mais raros e superiores, os quais serão abordados mais profundamente a seguir.

2.4 - Educar-se na busca de “tornar-se o que se é”

Nietzsche inicia sua *III Consideração Intempestiva: Schopenhauer Educador*, com a imagem de um viajante que conheceu muitos povos de várias partes do mundo e afirmou ter observado nos homens uma tendência à preguiça. Larossa afirma que o filósofo:

Retoricamente está começando a construir uma oposição entre o homem como animal gregário, homogêneo, maciço, intercambiável, exterior e o homem como singular, heterogêneo, particular, único, interior. E vai estabelecer a questão da subjetivação como uma luta entre o convencionalismo do agrupamento e a ânsia da singularidade do indivíduo. Uma luta na qual perdem os preguiçosos e os covardes. (LAROSSA, 2009, p. 49)

Segundo o filósofo, aqueles que não quiserem pertencer à massa gregária devem abandonar sua postura preguiçosa e covarde diante da vida e buscarem tornar-se a si mesmos:

“O homem que não quer pertencer à massa só precisa deixar de ser indulgente para consigo mesmo; que ele siga sua consciência que lhe grita: “Sê tu mesmo! Tu não és isto que agora fazes, pensas e desejas” (NIETZSCHE, 2007, p. 139).

Ao dizer que o homem é preguiçoso, Nietzsche também expressa, segundo Weber (2011), sua crítica ao Iluminismo, pois estabelece uma concepção de natureza humana diferente da defendida pelos pensadores das luzes. Ao afirmar que o homem é preguiçoso Nietzsche não nega que o homem tenha empreendido seu tempo para criar e ir além, contudo, “a engenhosidade é sintoma e resultado da evasão do homem de si” (WEBER, 2011, p. 153). Para criar novas tecnologias o homem se esforça, mas quando o problema é responder à questão “Quem sou?”, é tomado pela preguiça.

O que Nietzsche coloca em questão é o que fazer da existência, o que acaba por acentuar a solidão, pois esta é uma busca que deve ser feita sem a dependência da religião e do Estado. Somente o indivíduo pode encontrar e trilhar seu próprio caminho:

Ninguém pode construir teu lugar na ponte que te seria preciso tu mesmo transpor no fluxo da vida - ninguém, exceto tu. Certamente, existem as veredas e as pontes e os semideuses inumeráveis que se oferecerão para te levar ao outro lado do rio, mas somente na medida em que te vendesse inteiramente: tu te colocarias como penhor e te perderias. Há no mundo um único caminho sobre o qual ninguém, exceto tu, poderia trilhar. (NIETZSCHE, 2007, p.140-141)

O filósofo lança, então, as questões: “Mas como nos encontrar a nós mesmos? Como o homem pode se conhecer?” (NIETZSCHE, 2007, p. 141). Nietzsche não acredita na possibilidade de um “eu” fixo e estável do qual poderemos nos apropriar: o “eu verdadeiro” não existe para ele. Segundo o filósofo, nos apropriamos de máscaras ao longo de nossas vidas, e por trás de uma máscara sempre há outra, o que torna difícil ao homem saber quando se despiu de todas as máscaras e chegou ao que realmente é: “Trata-se de algo obscuro e velado; e se a lebre tem sete peles, o homem pode bem se despojar setenta vezes das sete peles, mas nem assim poderia dizer: “Ah! Por fim, eis o que tu és verdadeiramente, não há

mais o invólucro””(NIETZSCHE, 2007, p. 141). O autoconhecimento, diferentemente do que acreditavam os iluministas, não precisa ser buscado em nosso obscuro interior, como se fosse possível encontrar um último substrato, a essência humana. Nietzsche coloca a exterioridade como espaço para buscar conhecer a si mesmo.

Aquele que almeja ter revelada a “lei do verdadeiro eu” precisa se perguntar: “O que tu verdadeiramente amaste até agora, que Coisas te atraíram, pelo que tu te sentiste dominado e ao mesmo tempo totalmente acumulado?” (NIETZSCHE, 2007, p. 141). É por meio do conhecimento de tais objetos que amamos e veneramos que revelam “a lei fundamental do verdadeiro eu”:

Compare estes objetos, observe como eles se completam, crescem, se superam, se transfiguram mutuamente, como formam uma escala graduada através da qual até agora te elevastes até o teu eu. Pois tua essência verdadeira não está oculta no fundo de ti, mas colocada infinitamente acima de ti, ou pelo menos daquilo que tomas comumente como sendo teu eu (NIETZSCHE, 2007, p. 141).

Para esta dura tarefa de encontrar seu próprio caminho, ou seja, buscar tornar-se o que se é, Nietzsche traz a necessidade da existência de um mestre, pois os mestres são libertadores, e exercem a função de revelar a essência do educando:

Teus verdadeiros educadores, aqueles que te formarão, te revelam o que são verdadeiramente o sentido original e a substância fundamental da tua essência, algo que resiste absolutamente a qualquer educação e a qualquer formação, qualquer coisa em todo caso de difícil acesso, como um feixe compacto e rígido: teus educadores não podem ser outra coisa senão teus libertadores. (NIETZSCHE, 2007, p. 141- 142).

Estes mestres capazes de libertar não são mestres a serem copiados, mas são aqueles que em suas experiências de vida forneçam o exemplo para que o jovem eduque a si mesmo:

Mas o exemplo deve ser dado pela vida real e não unicamente pelos livros; deve portanto ser dado, como ensinavam os filósofos da Grécia, pela expressão do rosto,

pela vestimenta, pelo regime alimentar, pelos costumes, mais ainda do que pela palavra e sobretudo mais que pela escrita. (NIETZSCHE, 2007, p. 150).

E nisto, também, tais mestres se diferenciam do erudito, pois o mais relevante de sua tarefa enquanto educadores não é de passarem aos seus discípulos ou educandos o conhecimento que acumularam durante a vida, como se fossem enciclopédias ambulantes despejando centenas de saberes desarticulados com a vida.

Como já salientado anteriormente, a tarefa de “educar-se a si mesmo” e buscar seu próprio caminho não pode ser designada a ninguém além do próprio educando, e o mestre nada mais poderá fazer que oferecer as condições para que o educando busque seu próprio caminho, que é único.

Nietzsche revela que em sua juventude acreditava que encontraria um filósofo que o eximisse dos duros encargos de educar-se a si mesmo, a quem seguiria sem muita reflexão, por confiar mais no filósofo que em si mesmo. Perguntava-se quais dos princípios em voga este mestre adotaria para sua educação: o primeiro é de dirigir todas as energias aos reconhecidos pontos fortes do aluno e a outra seria a de desenvolver todas as forças harmoniosamente. Segundo Dias:

A primeira postura focaliza um centro e deixa as outras forças na obscuridade. Trata-se de uma educação despótica, cujo produto a ser distorcido, inepto em todas as outras coisas para as quais não foi preparado e, muitas vezes, mesmo naquilo que foi treinado. A segunda abordagem, por sua vez, coloca todos os dons no mesmo plano, todos sendo iluminados ao mesmo tempo. Essa é a educação democrática, cujo produto é o homem burguês, o animal de rebanho. (DIAS, 1993, p. 70)

É importante esclarecer os conceitos de sentido e força em Nietzsche para entender como o filósofo compreende o papel do educador para com as pulsões do educando. Segundo Deleuze “A história de uma coisa é geralmente a secessão das forças que dela se apoderam e a co-existência das forças que lutam para delas se apoderar. Um mesmo objeto, um mesmo

fenômeno muda de sentido de acordo com a força que se apropria dela”. (DELEUZE, 1976, p.3)

Nietzsche desenvolverá o conceito de vontade de potência posteriormente ao período em que estamos focando, que é o dos escritos de sua juventude. Contudo, considere importante tratar acerca deste conceito, pois é um desenvolvimento do que Nietzsche já anuncia em seus escritos da juventude.

A vontade de potência refere-se a uma complexidade de forças internas, as quais estão em eterno conflito entre si em um complexo sistema hierárquico. Estas forças buscam potência para dominarem umas as outras. Mas, dominar não significa anular a outra força, e sim subjugar-la, colocá-la a seu favor, para o fortalecimento da força que domina. A vontade de potência só pode se manifestar na oposição. O educar-se a si mesmo tem como princípio hierarquizar tais forças para que estas sirvam ao desenvolvimento das potencialidades do indivíduo.

Interpretar um fenômeno é questionar qual o sentido da força que se apodera do mesmo. As forças podem ser distinguidas como ativas ou reativas: a primeira conquista e subjuga, afirma sua diferença, criadora, já a segunda se adapta e regula, nega a diferença da força a qual tenta dominar, retira poder da força, limita a vida. Vontade e força não são o mesmo, “a vontade é quem quer e a força é quem pode” (HEUSER, 2008, p.132). Segundo Deleuze (1965), a vontade de potência não é vontade de dominar, pois não conserva o que já existe, é força criadora, plástica e está em eterno estado de autossuperação. A vontade de potência impulsiona o movimento da força.

Opor o dom dominante às demais forças é uma característica de uma educação decadente, porque o dom não antecede a aprendizagem, é apenas um instinto mais forte que conseguiu manter-se em evidência por mais tempo que os demais. Portanto, para continuar sendo dominante precisa das demais forças, caso contrário tende a desaparecer, pois precisa

que os demais instintos continuem trabalhando a seu favor. Já a tendência de tornar todas as forças em igual desenvolvimento, ou seja, negar a necessária hierarquia entre elas, também é uma forma de educação decadente. A educação de rebanho expressa essa segunda forma decadente de educação, pois suprime a hierarquia entre as forças e nivela os indivíduos, os tornando igualmente medíocres, sem capacidade criativa, estéreis. É esta educação democrática a que Nietzsche observa nos estabelecimentos de educação que pretendem educar cidadãos úteis ao Estado e eruditos. É contra estas tendências de formação que Nietzsche luta contra, oferecendo novas perspectivas acerca da formação a ser oferecida nos estabelecimentos para a cultura.

Com o intuito de superar sua época, Nietzsche acreditava que encontraria um filósofo que o educaria e seria capaz, não somente de identificar sua força central, mas garantir que esta força não destruísse as demais, o transformando “num sistema solar e planetário que o revelasse a vida e a lei de sua mecânica superior” (NIETZSCHE, 2007, p.43). O filósofo afirma ter encontrado em Schopenhauer este mestre.

2.5 - Schopenhauer Educador

Angustiado ao perceber que só havia eruditos nas universidades, os quais são incapazes de serem mestres que o ajudassem a elevar-se e tornar-se intempestivo, Nietzsche encontrou em Schopenhauer o que buscava. Afirma ter criado uma grande confiança em Schopenhauer, pois em nada se assemelhava ao erudito, nem tentava imitar ao estilo francês como os demais acadêmicos alemães. O filósofo solitário escrevia para si mesmo e não para agradar os demais como o erudito o faz. Schopenhauer tinha um estilo original de escrita, era honesto e sereno: “Ele é honesto porque fala e escreve por si mesmo e para si mesmo; sereno porque venceu

pelo pensamento o que há de mais difícil, e constante porque assim deve ser” (NIETZSCHE, 2007, p.150).

Nietzsche compara Kant e Schopenhauer, ambos como referência de modelo ao alemão moderno. Kant foi o típico professor acadêmico, resignado ao Estado e à fé, convivia muito bem com seus colegas e alunos. Era, sem dúvida, um exemplo a ser seguido pelos demais. Ao contrário do primeiro modelo, Schopenhauer nunca deu muita importância às castas acadêmicas e lutava contra o domínio do Estado. Nietzsche citou o músico Richard Wagner, para explicar que os artistas lutam contra os regulamentos existentes, pois querem manifestar a verdade e a ordem superior que trazem em seu interior (NIETZSCHE, 2007, p.150). E foi como o artista, intempestivo, que luta contra seu tempo, que Schopenhauer deixou seu modelo.

Schopenhauer deixou este modelo de luta contra os regulamentos existentes, que, segundo Nietzsche, é o modelo que alemães precisam, mas, é ao modelo de Kant que apegaram-se, portanto, é na verdade enquanto “ciência pura” que acreditam. Kant é o modelo a ser copiado, mas Schopenhauer o modelo a ser superado.

É bom esclarecer que o significado de modelo em Nietzsche se difere do modelo dos que o filósofo que denomina filisteus da cultura, que incapazes de criar copiam cegamente o que já existe. Rosa M. Dias, lembra que o modelo, segundo o filósofo, deve inspirar uma imitação criativa, ou seja, é uma imitação ativa que envolve reflexão e criação, já que permite a reconstrução do modelo e a superação de si. É com o objetivo de cultivar-se e tornar-se a si mesmo que Nietzsche toma Schopenhauer como modelo:

Para Nietzsche, tomar Schopenhauer como modelo significou, em primeiro lugar cultivar-se: “Estou bem longe de crer ter compreendido Schopenhauer corretamente; aprendi apenas a me compreender um pouco melhor através de Schopenhauer; é por isso que lhe devo o maior reconhecimento”. Em segundo lugar, tornar-se ele mesmo – Nietzsche. (DIAS, 1983, p.76-77)

Os filisteus da cultura tentam aniquilar os artistas, os acusam de serem solitários e infelizes, somente para poderem afirmar sua felicidade. Nietzsche empregou o termo “*filisteus da cultura*” para designar aquele que acreditavam serem cultos, quando na verdade eram homens desprovidos da capacidade de apreciar as artes, imitadores do que já existia, escravos da moral e dos costumes estabelecidos, como explica Paschoal em seu texto *Da Utilidade da Filosofia para a Vida*:

A palavra filisteu traduz, em tal contexto, a caricatura daquele homem de pouca cultura, especialmente desprovida capacidade para apreciar as artes e que apresenta um código moral rígido. Ele designa, ademais, uma pessoa sem qualquer propósito mais elevado para a existência e que estabelece como finalidade última para si um estilo de vida burguês, no qual predomine os confortos e os prazeres moderados e do qual se possa eliminar o sofrimento, evitando-se para isso, como uma primeira medida, o reconhecimento do caráter trágico e contraditório da vida. (PASCHOAL, 2008, p.161)

Schopenhauer viveu de maneira solitária. A solidão é encarada com hostilidade pelos demais, porque exige que se refugie em si mesmo, o que impede qualquer tipo de dominação exterior e permite que se alcance uma visão de mundo mais aguçada. A grandeza de Schopenhauer, segundo Nietzsche, foi a de ter interpretado e analisado a vida em sua totalidade, por não ter sucumbido aos dois perigos aos quais foi submetido: o isolamento e o desespero da verdade. O filósofo explica que para as ciências serem usadas a favor da vida é preciso enxergá-las como Schopenhauer, que compreendeu ser possível entender uma obra olhando primeiro o pintor, ou seja, uma criação, seja ela uma obra de arte ou uma produção científica, não traz a verdade em si, para compreendê-la é necessário saber qual a força de que se apropriara seu criador para engendrará-la.

É importante retomar o conceito de verdade em Nietzsche, a fim de elucidar o porquê da crítica à sede de verdade dos alemães de seu tempo, a qual Schopenhauer foi submetido. Nietzsche criticava o amor à verdade dos eruditos porque não acreditava na verdade como

absoluta, nem a tinha como objetivo de sua filosofia. Segundo Deleuze “Nietzsche pergunta o que significa a verdade como circuito, que forças e que vontade qualificadas esse conceito pressupõe **de direito**. Não critica as falsas pretensões, mas à própria verdade e à verdade como ideal” (DELEUZE, 1976, p.78). A verdade para Nietzsche era uma invenção, que com o tempo de uso se tornou obrigatória e teve sua origem esquecida (MARTON, 1984, p. 27), graças a uma necessidade do homem de continuar vivendo em rebanho:

Segundo ele [Nietzsche], em consonância com Schopenhauer, por necessidade e tédio, o homem deseja viver em sociedade, em rebanho. Para tanto, acordou um pacto em que se utilizava de signos resultantes de um processo arbitrário de nomeação. (...) Ou seja, aquilo que é denominado “verdade” é apenas o resultado de um processo arbitrário, decorrente das necessidades da manutenção da vida social. (WEBER, 2011, p. 155)

A verdade para o filósofo só pode favorecer a vida e a criação se for reconhecida em sua dinâmica e constante transformação, o que os eruditos de sua época negavam por meio das verdades absolutas e inquestionáveis que propagavam em nome da ciência.

Schopenhauer possuía diversos defeitos e cicatrizes, era solitário, enfrentou muito sofrimento e infelicidades, mas ainda sim permanece um modelo, porque não negou a vida, como Weber salienta:

[...] a imagem de Schopenhauer, em SE, é a de um tipo afirmativo, que legisla, não apenas sobre a sua vida, mas também, sobre o seu pensamento, enfrentando a tudo e a todos. Além disso, como indivíduo, ele se mantém em uma atitude de fortaleza, a despeito do mundo e dos perigos que acometem a cada homem. No caso do gênio, contudo, a realidade assola-o de forma mais violenta. A solidão, o desespero da verdade e a nostalgia foram os perigos aos quais Schopenhauer esteve exposto, mas aos quais não sucumbiu. (WEBER, 2011, p. 147)

Schopenhauer experimentou todo o sofrimento decorrente de sua veracidade e autenticidade. Foi isolado e esquecido. Precisou ser hostil com quem amava e com todas as instituições. Foi atormento por insistir em ser ele mesmo e ter de lidar com as questões do significado de sua existência, qual a lição devia aprender da vida, como se tornou o que é e

porque sofre por ser assim. Questões estas que não atormentam a maioria dos homens, aos “bons e leais” servidores do Estado, pois a preguiça se apropriara a tal ponto de tais homens, que respostas prontas já lhes são suficientes.

Para Nietzsche, todo o filósofo é legislador de seu tempo, pois compara os tempos anteriores com o que vive, e por meio da imagem que possui da vida vence o presente. Schopenhauer é filho de seu tempo e sofreu as mazelas de seu tempo, no entanto, viveu contra seu tempo, foi intempestivo. Através de Schopenhauer, acrescenta Nietzsche, podemos nos educar contra nosso tempo, porque os escritos de Schopenhauer foram um espelho de sua época: “cheguei a algo muito compreensível: explicar como podemos todos, através de Schopenhauer, nos educar *contra* o nosso tempo, porque temos, graças a ele, a vantagem de *conhecer* verdadeiramente este tempo” (NIETZSCHE, 2007, p.163).

CAPÍTULO 3 – A EDUCAÇÃO ARISTOCRÁTICA EM NIETZSCHE

3.1 - Da educação de massa à educação dos indivíduos selecionados: o gênio

Dadas as principais características da filosofia de Nietzsche e suas críticas à cultura e educação da Alemanha moderna, buscarei esclarecer os aspectos que tornam possível identificar a Educação Aristocrática em Nietzsche nos seus escritos de juventude, assim como, a quem esta educação é destinada. Primeiramente, abordarei a *paideia* grega a fim de compreender o conceito de vida aristocrática em Nietzsche.

Diferentemente dos iluministas, Nietzsche acreditava que a cultura não pode ser dada a todos. A cultura é privilégio de poucos e seus objetivos são nobres, aristocráticos:

Tornar os homens felizes não faz parte de seu desiderato; melhorar a humanidade não constitui um propósito seu. Partidário da “aristocracia do espírito”, concepção essa que aparece pela primeira vez nas suas conferências *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino*, defende a tese de que todo esforço cultural deve visar a engendrar homens excepcionais. (MARTON, 2008, p. 18)

Nietzsche afirma que a natureza produz o filósofo, o artista e o santo, todos representam o gênio, o exemplar mais raro, pelos quais os demais precisam se sacrificar por ser a finalidade da verdadeira cultura:

Este é o pensamento fundamental da *cultura*, na medida em que esta só pode atribuir uma única tarefa a cada um de nós: *incentivar o nascimento do filósofo, do artista, do santo em nós e fora de nós, e trabalhar assim para a realização [Vollendung] da natureza*. Pois, assim como a natureza tem necessidade do filósofo, ela tem necessidade do artista, para um fim metafísico, sua própria iluminação, para que lhe seja enfim apresentado numa imagem pura e completa o que, na agitação do seu devir, ela não chegará jamais a ver distintamente – portanto, para o conhecimento de si próprio. (NIETZSCHE, 2007, p. 180-181)

O artista e o filósofo aparecem como aqueles que atuarão para combater a miséria cultural do presente. O artista, por ser perito em singularidades, capaz de expressar a beleza

do particular, do que é único, ajudará aos homens a construir “uma imagem única de si mesmos” (LARROSA, 2008, p. 49). Já o filósofo é o legislador, é o mestre na arte da valoração.

No entanto, o filósofo admite não ser nada fácil de convencer a humanidade a se sacrificar por um indivíduo, pois o raciocínio que impera é o do “bem da maioria”, mesmo que a maioria não seja equivalente em valor a um indivíduo, pensamento típico da educação de rebanho.

Nietzsche denomina a educação destinada à massa de “educação de rebanho”, na qual é privilegiada a coletividade em detrimento do indivíduo. A educação de rebanho tem como ideal a democracia, portanto, é igualitária. A educação democrática é nociva porque enfraquece o indivíduo na tentativa de tornar todos iguais, pois os nivela por baixo, torna todos igualmente medíocres. Esta educação é interessante ao Estado, pois esse tipo de educação domestica o homem e torna o “rebanho” incapaz de questionar, por isso, facilmente governável. Sem consciência de sua individualidade, o rebanho assume a identidade enquanto comunidade e segue seus valores como se fossem verdades absolutas que o precedem, portanto, não passíveis de serem alteradas.

A educação de rebanho, incentivada pelo Estado, cujo objetivo é a uniformização de todos, dá origem ao que Nietzsche denomina “massa gregária”, a qual se apoia no ponto de vista gregário que, por sua vez, defende que todos ou tudo que se recusa a servir ao coletivo é imoral. Segundo Dias, Nietzsche identifica o preconceito gregário na sociedade alemã quanto à priorização do coletivo em detrimento do indivíduo, proclamando, assim, que o objetivo da educação deve ser o desenvolvimento igual de todos e não apenas de alguns poucos indivíduos:

São esses, em suma, os preconceitos que impedem a humanidade de criar os grandes homens. “*Por que se dedicar a alguns quando o objetivo da educação deve ser o*

desenvolvimento de todos?”, objetariam os partidários da ampliação da cultura. Os partidários da redução da cultura alegariam que *o homem deve defender os interesses do estado e não os de um indivíduo*. Nietzsche observa que pode parecer absurdo se devotar a um homem, mas que é ainda mais absurdo deixar que o número decida, quando se trata de mérito e valor. A educação, como vem sendo dada, não tem como o objetivo criar “personalidades harmoniosamente desenvolvidas”; pelo contrário, os indivíduos, com esse tipo de educação, não chegam sequer a amadurecer. O amadurecimento seria um “luxo que os afastaria do mercado de trabalho”. Os economistas da educação e da cultura desenvolvem os jovens com as palavras da fábrica – mercado de trabalho, oferta e procura, produtividade. Concluíram entre si um contrato de trabalho e “decretaram a inutilidade do gênio”. O resultado é a vulgarização do ensino e o conseqüente enfraquecimento da cultura. (DIAS, 1993, p. 78)

A massificação e a ideia de que todos devem receber o mesmo tipo de educação é um pressuposto da democracia que tem como o princípio norteador a igualdade. Mas, esta educação massificada tem sacrificado a qualidade da mesma e prejudica seu objetivo maior que é de favorecer aos grande gênios: “indivíduos selecionados, que deixariam a sua marca original para os tempos vindouros e serviriam como parâmetro seguro para avaliar a grandeza de uma época” (NEUKAMP, 2008, p.42). A igualdade geradora da massificação nivela e enfraquece o indivíduo:

A igualdade aprisiona o indivíduo na satisfação daquilo que é comum. Ela não explicita, portanto, as potencialidades do sujeito a serem desenvolvidas; ao contrário, ignora o vigor, a dimensão individual e a capacidade desse indivíduo de realizar atividades que desenvolvam as suas potencialidades, tudo isso em defesa do coletivo. (MENDONÇA, 2009, p. 128)

Para o filósofo não somos todos iguais, nem a educação é destinada a todos, mas sim a indivíduos selecionados. Quando Nietzsche fala sobre “indivíduos selecionados” está se referindo ao gênio. A verdadeira cultura deve gerar o gênio e oferecer a educação necessária para que este se eleve. O gênio não necessita da cultura para existir, mas precisa ser favorecido por ela para chegar ao seu grau máximo de desenvolvimento e ter suas obras devidamente valorizadas a fim de que seja possível elevar a cultura de uma nação ou civilização, pois somente o gênio será capaz de renovar a cultura.

Nietzsche identifica três tipos de egoísmos, ou seja, três formas de tentativa de resignação da cultura a interesses egoístas, os quais acabam por minar a verdadeira cultura e o seu objetivo mais nobre, o de gerar o gênio. O primeiro é o egoísmo dos negociantes, os quais enxergam na cultura a possibilidade de obter lucro, e incitam o pensamento de que o dinheiro traz felicidade, logo, interferem na educação, pois é preciso formar homens capazes de gerar lucro, e o mais rápido possível para alcançar a felicidade. O segundo é o egoísmo do Estado, que tenta expandir o quanto mais possível a cultura, a fim de tomar para si seguidores úteis a seus interesses. O terceiro é o egoísmo da ciência, cujos representantes são os eruditos. Os eruditos propagam que a cultura deve estar a serviço do progresso científico.

Para o filósofo, os eruditos ou cientistas são homens de visão fragmentária, escravos da verdade e da moral vigente, temem o ócio por sua incapacidade de reflexão, usam a verdade para ganhar dinheiro e a designam útil de acordo com a capacidade desta de gerar ganho material. Os eruditos temem o isolamento e o desprezo de seus colegas, por isso lutam por reconhecimento. O erudito é o servidor da verdade e inimigo do gênio.

Nietzsche explica que a natureza produz o gênio, este não depende da cultura para existir, apenas depende da cultura para se desenvolver, pois a natureza os produz, mas deixa que nasçam aleatoriamente, independentemente se a sociedade em que viverão os permitirá se desenvolver. A natureza tem dificuldade de administrar sua produção, pois seria muito mais vantajoso se produzisse mais pessoas que aceitassem o gênio, que propriamente uma grande quantidade de gênios. Para compensar essa dificuldade administrativa da natureza é preciso dar a conhecer a obra de gênios como Schopenhauer, para que sejam reconhecidos e devidamente valorizados pela sociedade na qual estão inseridos, e sua tarefa para com a renovação da cultura, seja efetivada.

Não se pode contar com o Estado nem com as universidades para o reconhecimento e desenvolvimento do gênio. O filósofo gênio que se torna professor universitário é massacrado

e isolado na tentativa de silenciá-lo, pois, a verdadeira filosofia é temida tanto pelo Estado como pela Universidade. Ambos têm o interesse de manter a verdade a seu favor, e a verdade não pode ser submetida a nenhum interesse. A verdade poderia desmascarar o santuário das ciências que se tornou a universidade, e jamais se tornaria escrava do Estado. Portanto, é melhor que tentem abafar o grito da verdadeira filosofia e evitem que ascenda sua força aterrorizante. Por isso, a ensinam como algo ridículo, medíocre e insignificante nos estabelecimentos de ensino para que os jovens percam o interesse.

A verdadeira filosofia desvinculada do Estado e da universidade exercerá sua função de juíza destes estabelecimentos, assim como Schopenhauer foi juiz da cultura autoproclamada de seu tempo, para que se possa atingir aos objetivos da cultura de favorecer o desenvolvimento do gênio e que este, por sua vez, contribua para o florescimento da verdadeira cultura.

3.2 - A vida aristocrática e a paideia grega

Como visto anteriormente, o filósofo alemão se opôs ao que denominou educação de rebanho, massificação do ensino difundida pela concepção democrática de educação. O ideal igualitário, empregado nesse tipo de educação, tem como consequência o nivelamento e, conseqüentemente, o enfraquecimento do indivíduo. Este nivelamento ocorre sempre para tornar a todos igualmente medíocres, ou seja, nivela por baixo. A massa gregária foi domesticada para se reconhecer apenas enquanto coletividade, incapazes de questionar e demasiado preguiçosos para buscar o cultivo de si e o desenvolvimento de sua individualidade, permanecem adormecidos no mundo. A docilidade os torna ideais para serem governados e cumprirem aos interesses do Estado.

Nietzsche estabelece, então, a impossibilidade da educação para a verdadeira cultura ser vulgar e de estar vinculada ao Estado. O objetivo da educação e da cultura é engendrar homens excepcionais: os gênios. Suas grandes obras devem ser conhecidas para que possam ser apreciadas porque, por meio destas, é possível fazer florescer a verdadeira cultura e renová-la.

Guiado por concepções de vida, cultura e educação diferentes das de seu tempo, propôs uma educação voltada para a solidão e a individualidade no cultivo de si, por meio do adestramento, a fim de se chegar a ser o que se é.

É importante ressaltar que, como visto no capítulo 1, as concepções de Nietzsche de cultura e educação se aproximaram das dos neo-humanistas, e a gênese do aristocracismo nietzschiano está fortemente ligada a este movimento. Os neo-humanistas visavam resgatar a cultura e a civilização gregas a fim de renovar a cultura alemã. O filósofo também tem seu ponto de referência nos gregos, principalmente, os gregos pré-socráticos para pensar a cultura e a educação de seu tempo, como já salientado anteriormente. Portanto, a *paideia* grega é de fundamental importância para a compreensão da vida aristocrática e, conseqüentemente, da educação aristocrática em Nietzsche.

O desenvolvimento da cultura grega se deu por meio da *paideia*. Heuser (2008) esclarece que *paideia* é um termo cujo significado real não pode ser encontrado em nenhuma expressão moderna, pois como salienta Werner Jaeger na obra *Paideia: a formação do homem grego*, esse termo possui muitos significados: civilização, cultura, tradição, literatura e educação. No entanto, o termo grego *paideia* é análogo à expressão alemã *Bildung*, que significa formação espiritual e artística de um povo. A partir da perspectiva expressa pela *paideia* grega de formação (*Bildung*), Nietzsche pensará a educação enquanto adestramento seletivo: educação rígida, na qual o jovem precisa obedecer certas regras, adquirir novos

hábitos e se tornar senhor de seus instintos por hierarquizá-los, como visto no capítulo anterior.

Nietzsche acreditava que o povo alemão carecia do que os gregos conseguiram desenvolver com maestria: a unidade de estilo artístico. O filósofo dava grande importância à arte para o desenvolvimento da verdadeira cultura. Como expressa em seus escritos da juventude, a cultura:

(...) surge unicamente da educação estética, ela advém de uma barbárie anterior. Como obra de arte, como afirmação da vida, a cultura grega foi edificada sobre o solo de sofrimento e pessimismo diante do conhecimento de que a existência não tem nenhum valor em si mesma. Cultura construída numa época sanguinária, na qual a vida era denominada pelos filhos da noite: a guerra, a obsessão, o engano, a velhice e a morte. Contra tal apavorante atmosfera foi preciso lutar, pois somente na luta é possível encontrar a cura e a salvação. (HEUSER, 2008, p. 145)

A cultura grega e suas grandes obras não surgiram em um mundo de paz e tranquilidade. Os gregos tinham a necessidade de expressar e deixar escoar suas mais nobres e as mais vis características, tais como: a vontade destrutiva, o traço de crueldade e o ódio, características estas tidas como desumanas para a civilização cristã. Assim como os gregos fizeram, é preciso hierarquizar os instintos, colocá-los a favor da vida e da criação e não destruí-los, pois todos os instintos são necessários para a criação. A hierarquização dos instintos deve ser o objetivo da educação e a meta da cultura:

Os gregos sabiam como ninguém que o homem e natureza não existem separados, que as qualidades naturais e aquelas consideradas propriamente humanas cresceram proporcionalmente associadas. Justamente por esta compreensão que o estilo artístico foi erigido no mundo homérico, que uma determinada unidade foi dada a um todo caótico. Em sua origem, os instintos estão em anarquia, contradizem-se, irritam-se, dizem-se entre si porque os instintos lutam visceralmente por mais potência e, nesta luta, uma diversidade agonística fervilha e a ânsia de dominação se acentua. Para dar aos instintos uma justa proporção, para que nenhum dos instintos domine os outros tiranicamente para sempre, é indispensável o adestramento de todos eles, exatamente a meta da cultura. (HEUSER, 2008, p. 146- 147)

O homem grego teve sua força criadora aumentada porque conseguiu adestrar seus instintos, os pôs a seu favor. A expressão máxima deste feito aconteceu em forma de arte: a poesia épica dos heróis. A Arte grega era representada pelos tipos nobres, afirmativos, aristocráticos, que louvavam a beleza (*kállos*), a ordem (*kósmos*), a excelência (*areté*) e a honra pessoal (*timé*). Os poemas que narravam os grandes feitos dos heróis tinham como princípio a luta e a disputa (*agon*), cujo objetivo era o bem da Grécia, porque a glória do grego era a glória da sociedade grega.

Todo o talento que emergia em solo grego nascia da luta, da competição. Os mestres disputavam entre si, assim como seus jovens discípulos. A *disputa* grega tinha como estímulo a inveja, o rancor e o ciúme, características consideradas negativas pelos cristãos, mas, por meio das quais os gregos afirmavam a vida e aumentavam sua potência criativa. Dessa forma, era garantido o movimento e renovação do mundo grego.

A saúde da Cidade-Estado grega dependia das *disputas*. A degeneração da saúde grega começou quando foi imposta a dicotomia entre o “bem” e o “mal”. Na ausência do diferente, que foi negado pela supressão de tudo o que foi considerado “mal”, a disputa deixou de existir, já que as mais nobres e as mais vis características humanas são necessárias para manter a competição, a luta. Como visto anteriormente, na conceituação das pulsões em Nietzsche, é na tensão entre as forças que é possível manter o movimento da vida e, da mesma forma, era somente por meio da tensão entre os diferentes que poderia se dar a disputa (*agon*).

A diferença afirmada pela disputa era o que movia a cultura grega. Por meio da disputa o homem grego era reconhecido e se reconhecia na afirmação de sua diferença. Na tentativa de superar uns aos outros buscava a si mesmo e ao aprimoramento de suas potencialidades. Para garantir o movimento gerado pela disputa o gênio que se destacava por ser o melhor era isolado (*ostracismo*), para que pudessem surgir outros gênios, porque o

objetivo não era o destaque de um, mas a criação do novo, que só poderia se dar pelo movimento da constante superação.

O surgimento destes gênios dependia da *paideia* grega, cujo princípio fundante era o conceito guerreiro de *arete*, ou seja, o desenvolvimento da excelência humana, atributo este da nobreza, a qual era passada pelos grandes mestres aos jovens aristocratas por meio do domínio da palavra. Os mestres gregos ensinavam por meio da pedagogia do exemplo:

Para a formação do estilo artístico dos jovens gregos aristocráticos, educados pelo princípio agonístico para o cultivo da *arete*, a pedagogia do exemplo era utilizada. Reconhecida como guia da ação tal pedagogia adotava a *Ilíada* e a *Odisséia* como exemplos para educar os jovens, obras nas quais também heróis famosos se recorria como exemplos para moldar as ações dos heroicos personagens em questão. (HEUSER, 2008, p. 151).

Nietzsche se inspira na pedagogia do exemplo da Grécia Antiga quando afirma em *Schopenhauer Educador* que o mestre deve oferecer um exemplo pela sua vida e não somente pelos livros que oferece aos educandos. Vida esta que deve ter como princípio o “espírito aristocrático”, tão temido pelo Estado.

Mendonça (2009) traz em sua tese a etimologia da palavra aristocracia - *aristós* - enquanto busca da excelência individual e *kratos* como força – portanto, é possível concluir que aristocracia pauta-se na busca da excelência pelo homem. Para levar uma vida aristocrática, ou seja, buscar a excelência, é preciso buscar a si mesmo, cultivar-se, o que implica na hierarquização dos instintos para que favoreçam o desenvolvimento de suas potencialidades, o que só é possível por meio da auto-superação e autocrítica. A busca da excelência é busca do que temos dentro de nós, e esta busca de si mesmo é o núcleo da autocrítica e da auto-superação, o “que inclui a tarefa de *revalorarmo-nos* em relação àquilo que somos” (MENDONÇA, 2009, p.95).

Nietzsche desenvolverá, posteriormente, em sua filosofia, sua crítica à sociedade e à moral cristã, e o gênio dará lugar ao filósofo do futuro, o espírito livre, responsável pela

transvaloração dos valores. Contudo, em *Schopenhauer Educador* é possível perceber princípios fundamentais para pensar a vida aristocrática no que diz respeito à auto-superação, a autocrítica e a criação de novos valores. O modelo que sugere para que os jovens possam seguir, a fim de educarem-se contra seu tempo e como forma de superarem a si mesmos, é o modelo de um homem afirmativo da vida, capaz de julgar os valores que lhe são impostos. Segundo Nietzsche, é tarefa do filósofo e da verdadeira filosofia serem juízes da sociedade em que vivem.

Schopenhauer foi um modelo por ter levado uma vida solitária e esta é uma grande virtude aristocrática: “A solidão é tida como uma grande virtude do aristocrata, e marca a vida aristocrática na medida em que o homem nobre busca na solidão e no silêncio a compreensão das forças internas que tem: busca a sua excelência por meio da autocrítica e da auto-superação constantes” (MENDONÇA, 2009, 104). O filósofo solitário enfrentou todos os encargos de buscar a si mesmo e não precisou da aprovação da massa para que continuasse a criar, não se resignou a nenhuma autoridade exterior, nem sucumbiu ao amor à verdade que aprisiona o homem no mundo.

A vida aristocrática coloca o homem em contato consigo mesmo, o que faz com que enxergue as coisas ruins que há dentro de si. No entanto, o homem nobre assume as qualidades e defeitos que possui, pois a busca de si não faz distinção do que busca. Na nossa sociedade é comum valorizar as virtudes e criticar os defeitos humanos. Mas todo o erro prevê a possibilidade do acerto, paradoxalmente. Na busca da excelência pelo indivíduo são apontadas as virtudes, assim como os defeitos, pois é a busca da singularidade, do destaque do sujeito em si mesmo, na dimensão da vida solitária.

Na vida aristocrática, a diferença é afirmada como princípio para a criação e o movimento da vida, assim como a afirmação da diferença era o princípio para disputa, e esta, fundamental para a saúde do homem grego: “Assim, o sentido do aristocratismo está na

possibilidade do conflito, lei natural, da mesma forma que a educação aristocrática. (...) não se trata da anulação de forças, mas da sua constante superação, que se dá na oposição” (MENDONÇA, 2009, p. 147 – 148).

A educação aristocrática em Nietzsche nasce da vida aristocrática, portanto, não pode ser uma educação vulgar, mas, é uma educação da exceção, do destaque, da excelência, da vida solitária.

3.2 - A educação aristocrática

A educação aristocrática nasce, portanto, do aristocracismo, por isso não pode ser uma educação vulgar. O próprio termo aristocrático aponta para um “governo da exceção” como demonstra Mendonça:

fica excluída de imediato a possibilidade de uma educação vulgar por meio da aristocracia; aliás, tratar-se-ia de uma contradição. A palavra aristocracia tem origem no termo grego *aristós*, que conota exceção, excelência, destaque, significando aquilo que se diferencia do vulgo; e também no termo *cratios*, que significa direção, gestão, governo. (MENDONÇA, 2009, p. 116)

A educação massificada, pautada na igualdade enfraquece o indivíduo por suprimir a diferença. O nivelamento impede a “disputa”, não permite que os indivíduos se destaquem e busquem a excelência. A igualdade propagada pela educação de rebanho tem como princípio equilibrar as forças internas dos indivíduos, tornando-os estéreis, adormecido, domesticados, mansos, incapazes de criar e agir sobre o mundo que vivem.

A igualdade aprisiona o indivíduo na satisfação daquilo que é comum. Ela não explicita, portanto, as potencialidades do sujeito a serem desenvolvidas; ao contrário, ignora o vigor, a dimensão individual e a capacidade desse indivíduo de realizar atividades que desenvolvam as suas potencialidades, tudo isso em defesa do coletivo. (MENDONÇA, 2009, p.128)

A educação de rebanho é bastante útil ao Estado, pois a massa é fácil de dominar e governar. Quando Nietzsche afirma que o Estado teme “a natureza aristocrática da verdadeira cultura” nas conferências que proferiu na Universidade da Basileia se refere à característica agressiva e ativa da vida aristocrática, que não pode ser dominada.

Esse espírito forte, nobre, aristocrata, é o destinatário da educação aristocrática. Protetor de si mesmo, ao conservar sua grande aparência de força física assume a sua condição. Sem a preguiça que o leve a ser comparado ao vulgo, está disposto a se autocriticar constantemente. Assim compreendida, a educação aristocrática está destinada aos que desejam se autossuperar. (MENDONÇA, 2009, p. 145)

A educação aristocrática se opõe à educação de rebanho e à igualdade, as quais representam o adormecimento social, as amarras da humanidade presa à vida social. No entanto, a educação aristocrática não pretende eliminar o adormecimento social ou a vida coletiva, mas esta é uma educação da individualidade, que se pauta na diferença e no destaque.

Nietzsche não desenvolveu um sistema educacional, tão pouco o denominou de aristocrático, por ter como objetivo substituir o sistema educacional vigente em sua época. Mendonça explica que a educação aristocrática em Nietzsche não pretende acabar com a educação de rebanho e com o adormecimento e mediocridade propagadas por esta, porque a educação aristocrática é destinada a pouquíssimos homens.

A educação aristocrática é uma educação para o filósofo, o homem do futuro capaz de auto-superar-se:

A educação aristocrática em Nietzsche não se aplica, portanto, a qualquer homem; aplica-se à grande e nobre individualidade. Essa educação destina-se àqueles que desejam se autossuperar, e isso requer esforço individual. Sugere a vida solitária e implica na busca de si mesmo” (MENDONÇA, 2009, p.120).

A educação aristocrática é destinada aos que seguem o difícil e solitário caminho de educar-se a si mesmo em busca da excelência para “tornar-se o que se é”. Todos têm a capacidade de desenvolverem suas potencialidades na busca pela excelência, mas são poucos os que o fazem, porque, como Nietzsche salienta, a maioria dos homens se deixam vencer pela preguiça quando se trata de optar pelo caminho mais difícil do cultivo de si, e optam pela vida gregária.

A educação aristocrática em Nietzsche é destinada a todos e a ninguém, porque todos podem buscar tornarem-se o que o filósofo denominará posteriormente de *espírito livre*, mas são pouquíssimos os que optam por tal caminho doloroso e solitário na busca de si.

Portanto, por intermédio das características apontadas por Nietzsche como pertencentes à educação que conduz à verdadeira cultura, cuja natureza é aristocrática, foi possível conceber nos escritos analisados de sua juventude, a possibilidade da interpretação da educação aristocrática em Nietzsche. A tese de Mendonça acerca da Educação Aristocrática traz vários conceitos desenvolvidos por Nietzsche no período compreendido como de sua maturidade, no entanto, como já salientado, é possível perceber nos escritos de sua juventude, a emergência de tais conceitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nietzsche foi, sem sombras de dúvidas, um filósofo intempestivo. Como visto neste trabalho de conclusão de curso, suas críticas à educação e à cultura estão bem contextualizadas na Alemanha do século XIX em que viveu. E, somente por estar no seu tempo pôde lutar contra o mesmo, o que, também, permite que suas críticas pareçam tão atuais a ponto de algum leitor distraído acreditar que se referem aos estabelecimentos de ensino contemporâneos, como salienta Marton no prefácio de *Nietzsche Educador*.

O filósofo alemão reivindicou estabelecimentos de ensino que educassem para a verdadeira cultura e anunciou o nobre objetivo da mesma: engendrar ao gênio. Enquanto professor universitário, foi coerente para com suas convicções: nunca se resignou às demandas do Estado, nem temeu o isolamento ao qual foi submetido por não ter suas ideias bem recebidas pela academia. Nietzsche criticou com veemência a tudo e a todos que acreditava estarem levando a cultura alemã à barbárie, por impedirem o desenvolvimento dos homens excepcionais.

Anunciou o espírito aristocrático da verdadeira cultura e a impossibilidade desta ser vulgar. Guiado por concepções de vida, cultura e educação diferentes das de seu tempo, propôs uma educação voltada para a solidão e a individualidade no cultivo de si, por meio do adestramento. O adestramento proposto por Nietzsche tinha como objetivo a hierarquização das forças internas do indivíduo, com o intuito de desenvolver plenamente todas as suas potencialidades.

As concepções de Nietzsche acerca da educação foram fortemente influenciadas pelo movimento neo-humanista, que tentou retomar os ideais greco-romanos na Alemanha moderna. O filósofo foi buscar nos gregos pré-platônicos o modelo para educar-se a si mesmo, pois não encontrara um modelo no seu tempo. Por meio da *paideia* grega

desenvolveu os conceitos que originaram sua concepção aristocrática de vida, portanto, de educação.

Quando estudante, ainda no princípio da longa e difícil estrada que conduz ao cultivo de si, encontrou o solitário filósofo Schopenhauer, que será para o jovem Nietzsche o modelo de educador para todos aqueles que buscam educarem-se a si mesmos. Não um modelo a ser copiado, mas um modelo a ser superado. No entanto, para ser um modelo de educador é necessário, primeiramente, educar-se a si mesmo. Portanto, para superar o outro é preciso antes superar-se a si mesmo.

Nietzsche busca na pedagogia do modelo grega o exemplo de educador para a auto-superação. O modelo de educador para Nietzsche não é o erudito enciclopedista que deposita nas costas de seus educandos toneladas de saberes que não podem ser associados às suas experiências de vida. Mas, é justamente o contrário, o exemplo vem da vida, de cada ação e postura do mestre.

Engendrar a homens excepcionais, capazes de fazer florescer a verdadeira cultura, não é uma tarefa para o que Nietzsche denominou de educação de rebanho. A educação de rebanho tem como princípio a igualdade difundida pela democracia. O homem do rebanho coloca a coletividade como um valor inquestionável e acima da individualidade. O resultado da vida gregária é o enfraquecimento do indivíduo, conseqüentemente, a barbarização da cultura.

A educação aristocrática, fruto de uma vida aristocrática, a qual emerge da busca da excelência individual, é o antídoto contra a educação de rebanho. O que não significa ser o único antídoto possível, muito menos “a cura” que eliminará a educação de rebanho por visar o desenvolvimento de um sistema de educação massificado mais eficiente. Pois é uma educação da diferença, da excepcionalidade. Contudo, é uma educação para poucos, pouquíssimos homens.

Como Nietzsche anuncia no início da *III Consideração Intempestiva*, a maior parte dos seres humanos é acometida pela preguiça que impede de trilhar os duros caminhos que levam um indivíduo a tornar-se o que é. A educação aristocrática não pode ser trilhada por homens fracos, preguiçosos, que temem a dor e a solidão. Justamente por ser uma educação da solidão e da auto-superação não pode ser destinada à massa.

Portanto, a educação aristocrática em Nietzsche é destinada a todos e a ninguém, porque todos podem buscar tornarem-se o que o filósofo denominará posteriormente de *espírito livre*, mas são pouquíssimos os que optam por tal caminho doloroso e solitário na busca de si.

As críticas dirigidas por Nietzsche à formação (*Bildung*) oferecida nas instituições pedagógicas da Alemanha do século XIX, assim como a interpretação da educação aristocrática em Nietzsche, são bastante ricas enquanto possibilidades de pensar a nossa própria cultura e educação. O Brasil possui características sociais, políticas e econômicas distintas das da Alemanha de Nietzsche, no entanto, a intempestividade do pensamento do filósofo nos ensina a pensar e criticar a educação brasileira, abrindo caminho para novas possibilidades no campo educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ARALDI, Claudemir Luís. Nietzsche, a educação e a crítica da cultura. In: AZEREDO, Vânia Dutra de (Org.). **Nietzsche: filosofia e educação**. Ijuí: Editora Unijuí, 2008, p. 83-99.

AZEREDO, Vânia Dutra de. Das vantagens e desvantagens da história da filosofia para o ensino de filosofia. In: AZEREDO, Vânia Dutra de (Org.). **Nietzsche: filosofia e educação**. Ijuí: Editora Unijuí, 2008, p. 67-82.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Lisboa: Edições 70, 1965.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Tradução: Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. 1. Ed. Rio de Janeiro, 1976.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche Educador**. 2. ed. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

HEUSER, Ester M. Dreher. Paideia: a crueldade espiritualizada. In: AZEREDO, Vânia Dutra de (Org.). **Nietzsche: filosofia e educação**. Ijuí: Editora Unijuí, 2008, p. 129-153.

JAEGER, Werner. Paidéia: a formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a Educação**. Tradução: Semíramis Gorini da Veiga. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MARTON, Scarlett. **Friedrich Nietzsche**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MARTON, Scarlett. Claustros vão se fazer outra vez necessários. In: AZEREDO, Vânia Dutra de (Org.). **Nietzsche: filosofia e educação**. Ijuí: Editora Unijuí, 2008, p. 17-37.

MENDONÇA, Samuel. **Educação Aristocrática em Nietzsche**: perspectivismo e autossuperação do sujeito. Tese (Doutorado em Filosofia e História da Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

NEUKAMP, Elenilton. **Nietzsche, o professor**. São Leopoldo: Oikos / Nova Harmonia, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Escritos Sobre Educação**. Tradução e notas: Noéli Correia de Melo Sobrinho. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Escritos Sobre História**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2005.

PACHOAL, Antonio Edmilson. Da utilidade da filosofia para a vida. In: AZEREDO, Vânia Dutra de (Org.). **Nietzsche: filosofia e educação**. Ijuí: Editora Unijuí, 2008, p. 155-168.

WEBER, José Fernandes. **Formação (Bildung), educação e experimentação em Nietzsche.**

Londrina: Eduel, 2011.